

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

DESEJO DE SER PAI:
Algumas vicissitudes da função paterna

Adriana Araújo Pereira Borges

Belo Horizonte
2006

Adriana Araújo Pereira Borges

DESEJO DE SER PAI:
Algumas vicissitudes da função paterna

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração em Processos de Subjetivação e linha de pesquisa em Processos Psicossociais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto B. Seccarelli

Belo Horizonte
2006

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

B732d Borges, Adriana Araújo Pereira
Desejo de ser pai: algumas vicissitudes da função paterna / Adriana
Araújo Pereira Borges. – Belo Horizonte, 2006.
84f.

Orientador: Paulo Roberto Ceccarelli
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Bibliografia.

1. Figura paterna. 2. Paternidade. 3. Pai e filhos. I. Ceccarelli, Paulo
Roberto. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa
de Pós- Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2

Adriana Araújo Pereira Borges

Desejo de ser pai: algumas vicissitudes da função paterna

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração em Processos de Subjetivação e linha de pesquisa em Processos Psicossociais.
Belo Horizonte, 2006.

Paulo Roberto B. Seccarelli (Orientador) – PUC Minas

Jacqueline de Oliveira Moreira – PUC Minas

Lúcia Grossi dos Santos - Fumec

Ao meu pai, Antônio, que permitiu que eu seguisse meu caminho, mas sem jamais me deixar à deriva. Se os filhos são como pipas, ele soube dar linha nos momentos necessários e puxá-la em outros.

Ao João Carlos, pai de meu filho, com quem divido a vida e cuja presença me fez e me faz ser sempre melhor. Pelo amor, compreensão e força, sempre.

Ao meu filho, Rafael, que se fez presente na época da construção deste trabalho. Para você, que nos ensina a ser pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de maneira especial, a Paulo Roberto Ceccarelli, por sua orientação no curso deste trabalho, por ter apostado em mim e acompanhado meu percurso, sempre me apoiando e contribuindo com suas observações.

Agradeço à PUC MINAS, espaço de conhecimento e de grande amadurecimento pessoal e profissional, aos professores do mestrado, sempre disponíveis e atenciosos, mais especificamente à Professora Ilka Franco Ferrari, ao Professor Luís Flávio Couto, à Professora Jaqueline de Oliveira Moreira, pela transmissão da Psicanálise no espaço acadêmico.

Agradeço ainda, a Marília, secretária do mestrado, pelo profissionalismo e atenção com que sempre me acolheu.

Agradeço aos amigos que fiz no mestrado e que permanecem comigo: Fernanda, Raquel, Mônica e aos outros que, apesar da falta de contato, permanecem como uma lembrança boa.

Agradeço a minha mãe por ter me proporcionado as condições de realizar este trabalho.

Agradeço a todas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse realizar este trabalho: meus irmãos, Saulo e Virgínia; meus amigos Margareth, Dade, Léo, pessoas muito importantes em minha vida; colegas do CERSAM Barreiro e da Fundação Helena Antipoff, locais de trabalho, de interlocução, de crescimento pessoal e profissional. Muito obrigada!

Finalmente, à minha análise, que permitiu que eu desse mais um passo.

“Continuei lançando olhares para baba sentado junto com Rahim Khan no telhado lá de casa, tentando imaginar o que estaria pensando. Será que estava torcendo por mim? Ou será que parte dele gostava de me ver fracassar? É isso que acontece quando a gente empina pipas: nossa cabeça sai voando junto com elas”.

Khaled Hosseini – O caçador de pipas

RESUMO

Para Freud, o pai sempre teve uma importância fundamental. Na tentativa de apreendê-lo, Freud elaborou três mitos: Édipo, Totem e tabu e Moisés. Em todos, acontece o parricídio. A constatação de que, para Freud, o pai é o pai morto determina a relação pai-filho. A função paterna é marcada por essa especificidade, colocando à prova o desejo de ser pai. Se a figura paterna assume os contornos do objeto fóbico, é porque o pai se relaciona de forma privilegiada com a castração. Na tentativa de apreender o estatuto do pai, Lacan propõe primeiro o distanciamento deste enquanto simplesmente sustentáculo biológico, para depois desdobrá-lo em suas vertentes do imaginário, do simbólico e do real. Uma das dificuldades com relação ao pai se encontra no fato de que sua vertente imaginária veste as roupagens de cada época. Dessa forma, é possível questionar se o aclamado declínio da função paterna não seria simplesmente um fenômeno de ajustamento dessa função na atualidade. Se há desejo de ser pai é porque o desejo do pai, enquanto ordenador simbólico, se faz presente. Através da identificação ao pai e de sua introjeção na forma de superego, torna-se possível para o menino o acesso à paternidade. No entanto, este não é um percurso fácil. Hans demonstra com sua fobia que o pai necessita ser construído. O desejo de ter um filho se constitui quando a vertente do amor ao próprio pai se sobrepõe ao ódio, presente na ambivalência da relação entre um menino e seu progenitor.

ABSTRACT

To Freud, the father always had a fundamental importance. In the attempt to realize it, Freud worked out three myths: Oedipus, Totem and taboo and Moses. In all of them, happens the parricide. The confirmation that, to Freud, the father is the dead father determines the father-son relationship. The paternal function is marked by this specificity, putting to the test the desire to be father. If the paternal function assumes the outlines of the phobic object, it is because the father relates himself in a privileged way with the castration. In the attempt to realize the statute of the father, Lacan proposes first a detachment from it as merely a biological support, unfolding it later in its sides of the imaginary, symbolic and real. One of the difficulties in relation to the father lies in the fact that its imaginary side dresses the array of each epoch. In this way, it is possible to ask if the acclaimed decline of the paternal function would not be simply an adjusting phenomenon of this function in present time. If there is desire to be father it is because the desire of the father, as symbolic ordenator, makes itself present. Through the identification to the father and his introjection in the form of superego, it becomes possible to the boy the access to fatherhood. However, this is not an easy route. Hans shows with his phobia that the father must be constructed. The desire to have a son constitutes itself when the side of love for its own father superposes the hate present in the ambivalence of a relation between a boy and his progenitor.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	9
2 - FREUD E A QUESTÃO PATERNA	14
2.1 - Os mitos do pai em Freud	14
2.1.1 - <i>Édipo: a primeira versão do pai em Freud</i>	15
2.1.2 - <i>A segunda versão do pai: Totem e tabu</i>	19
2.1.3 - Moisés	21
2.2 - A fobia e sua relação com o pai	23
2.3 - Pater semper incertus est	26
3 - O PAI NA PRIMEIRA CLÍNICA DE LACAN	30
3.1 - Família e posição paterna: os complexos familiares	30
3.2 - O conceito de metáfora paterna em Lacan	33
4 - A INSTÂNCIA PATERNA NA SOCIEDADE	38
4.1 - Pai e cultura	38
4.2 - O pai e o superego	42
4.2.1 - <i>A identificação em Freud e sua relação com o superego</i>	42
4.2.2 - <i>O desejo do pai: do pai à Lei</i>	52
4.2.3 - <i>Desejo do pai x Desejo de ser pai</i>	57
5 - O PAI EM HANS E SEUS DESDOBRAMENTOS	65
6 - CONCLUSÃO	75
7 - REFERÊNCIAS	80

1 – INTRODUÇÃO

“A idéia de ser pai desencadeou em mim um turbilhão de emoções. Achava a perspectiva assustadora, fortalecedora, desanimadora e estimulante, tudo ao mesmo tempo. Que tipo de pai eu seria, ficava imaginando. Queria ser exatamente como baba e ser inteiramente diferente dele.”

O caçador de pipas

Este trabalho de pesquisa, inicialmente intitulado *Édipo masculino – o declínio do viril*, surgiu de uma situação prática, a clínica. A partir do atendimento de cada vez mais homens que procuravam análise, a problemática do declínio do viril se colocou, devido a uma questão recorrente: o embaraço destes como representantes da função paterna.

Freud já havia detectado, desde a análise do “Pequeno Hans”, as dificuldades do homem moderno, que estava às voltas com o “papel de pai”. Na clínica, essa situação era atualizada em vários discursos sobre a dificuldade de “ser pai”. Alguns homens se baseavam na própria experiência com seus pais e repetiam exatamente os mesmos comportamentos e atitudes, numa espécie de automatismo: “Deu certo comigo, dará certo com meus filhos”. Outros, simplesmente saíam de cena: “Os filhos são problema da mãe”. Ou seja, uma desresponsabilização pela incapacidade de assumir um lugar desconhecido ou gerador de angústia. De todos, era possível deduzir a pergunta que o próprio Freud já havia feito: “O que é um pai?”

Além disso, para grande parte desses homens, a paternidade aparecia não como opção, mas como uma certa fatalidade. A mulher ou namorada engravidava, restando, então, assumir o lugar de pai. Lugar este que não havia sido desejado. Qual a relação entre ser homem e ser pai? Essa questão foi se constituindo.

A famosa pergunta “o que quer uma mulher?” gerou inúmeros trabalhos científicos, uma vasta produção teórica sobre o tema. No entanto, são recentes as tentativas de preencher a lacuna sobre o masculino, o viril, a função paterna. O que quer um homem? Ser pai seria uma das respostas a esta pergunta, como é no caso das mulheres?

Em um primeiro momento, portanto, o viril, o masculino, era o tema central. Mas, a partir das leituras e da clínica, é o pai e sua função que se afirmam enquanto tema a ser investigado.

Essa passagem de um tema a outro, do viril para a paternidade, se efetuou a partir da constatação da importância que o pai tem na formação do sujeito. Veremos que sua importância independe da diferenciação entre os sexos, mas, para o menino, que necessita estabelecer a identificação com o pai, a relação pai-filho é ainda mais fundamental.

Se a psicanálise surge a partir dos estudos de Freud sobre a histeria, um dos elementos principais é, certamente, o pai. Em um primeiro momento, o pai da histérica foi percebido por Freud como responsável pelo trauma. A teoria do pai sedutor, primeira tentativa de Freud de compreender o estatuto do pai, revelou-se pouco confiável. Nesse momento, Freud desabafa com Fliess: “Não acredito mais em minha *neurótica*”. Então, se o pai não era o sedutor descrito pela histérica, o que é um pai?

Na impossibilidade de responder a esta pergunta de uma forma objetiva, Freud lança mão dos mitos, narrativas ficcionais utilizadas em diferentes momentos de sua obra com a finalidade de esclarecer pontos obscuros. Freud utiliza os mitos em várias passagens. Para falar da morte, por exemplo, ele recorre ao tema dos três escrínios. Ao discutir o tema da virgindade, faz alusão à cabeça de Medusa. Enfim, sua obra contém inúmeros exemplos da importância das narrativas míticas como uma maneira privilegiada de descrever processos inconscientes.

Com relação ao pai, não foi diferente. Mas o que chama a atenção é a construção não de uma, mas de três narrativas míticas que tratam da questão do pai. Freud elabora, primeiro, o mito que se constituirá como o grande pilar da psicanálise, ou seja, o mito¹ de Édipo. *Édipo rei*, peça escrita por Sófocles na Grécia antiga, foi representada pela primeira vez, provavelmente, em 430 a.C., em Atenas. Em resumo, a história gira em torno de Édipo, filho do Rei Laio e da Rainha Jocasta. Quando a rainha engravidou, recebeu da pitonisa que fazia previsões a notícia de que seu filho mataria o pai. Para que a previsão não se realizasse, a criança, após ter seus pés perfurados e amarrados, foi dada a um pastor com a ordem de ser abandonada em uma região inóspita. Mas o menino, chamado Édipo em alusão aos seus pés feridos e inchados (Oidípus – pés inchados), foi salvo por um pastor e acabou realizando sua trágica sina: matou seu pai e tomou sua mãe como esposa, sem saber de quem se tratava. Quando soube a verdade, Édipo se cegou e passou a caminhar pelo mundo chorando sua sorte.

¹ O próprio Freud omitiu, em sua elaboração teórica, importantes passagens da narrativa mítica original, sendo que, ao privilegiar determinadas passagens em detrimento de outras, estabeleceu uma versão própria do mito, onde ocorrem tanto omissões, quanto distorções da peça original. (MARCOS, 2003, p.25).

Na tragédia grega, os deuses e oráculos constituíam uma espécie de metáfora do inconsciente, ou seja, há algo que determina certas ações e escolhas do sujeito, das quais ele não escapa. A questão da filiação é aí colocada na forma de um enigma. Édipo ouviu numa festa, de um dos convidados, o insulto de que era filho adotivo. Neste momento, a dúvida se instala e, a partir daí, a tragédia se desenvolve.

A questão que se coloca como central no texto grego diz respeito à busca do saber, mas não de um saber qualquer, e sim de um saber específico referente à filiação. Édipo, ao procurar um saber sobre si, ouve do oráculo de Delfos a profecia da qual ele tenta escapar, mas não consegue. Ele mata o pai e toma a mãe como esposa.

O segundo mito do pai está presente em *Totem e tabu*, e diz respeito ao pai da horda, detentor de todas as mulheres. Esse pai tirano é morto pelos filhos, que o devoram num ritual canibalesco. Após o assassinato, surge o sentimento de culpa em relação àquele que era odiado, mas também amado e respeitado. Vê-se, aí, o caráter ambivalente da figura paterna.

Segundo Marcos:

O mito da horda primeva inaugura uma cadeia que estará presente em toda elaboração psicanalítica acerca do pai, da lei, da dívida simbólica, do assassinato do pai, enfim, da culpa que, em nome dessa dívida simbólica, o neurótico não cessará de pagar. O que está em jogo nesta versão é, então, a entrada no mundo simbólico, a edificação do símbolo pai. (MARCOS, 2003, p.29).

A terceira versão freudiana do pai é apresentada em *Moisés e o monoteísmo*. Esse texto é considerado muito controverso. Nele, Freud tentará responder questões que, de certo modo, remetem às suas próprias vivências ligadas ao judaísmo. Embora controverso, o ensaio traz elementos para que possamos discutir a tradição e sua transmissão. É um texto fundamental, portanto.

O aspecto mais relevante para nossa pesquisa consiste em um ponto até então muito pouco explorado na leitura destas versões freudianas do pai. No mito de Édipo, Laio se sente ameaçado por seu filho, a ponto de querer se livrar dele, e termina sendo assassinado por esse ser que tanto temia, como previra o oráculo. Em *Totem e tabu*, os filhos assassinam o pai, assim como em *Moisés...*

A partir destas primeiras considerações, podemos colocar como pergunta central que norteia este estudo a seguinte: Por que um homem desejaria ser pai? Partindo das versões freudianas do pai, pretendemos percorrer, também, alguns textos lacanianos que possam colaborar com a tentativa de elucidação desta questão, para finalmente discutirmos esses textos tomando como referência o caso de Hans, em que o pai ali apresentado nos parece paradigmático.

É importante perceber também que, enquanto Lacan fala do desejo da mãe, o que se relaciona com esse desejo é o Nome-do-pai, e não o desejo do pai. A hipótese que gostaria de trabalhar é que o desejo de ser pai passa necessariamente, em Freud, pela ambivalência e identificação do menino com o pai. A ambivalência presente desde o início da relação permitiria, apesar da hostilidade, que a identificação pudesse se estabelecer, constituindo, assim, o desejo de ser pai. Esta hipótese será trabalhada no capítulo sobre Hans, caso, como já frisamos, paradigmático da posição paterna na atualidade.

Alguns estudos, como a tese de doutorado de Marcela Decourt, recentemente defendida na UFRJ, já apontam para as conseqüências, na modernidade, da destituição do lugar do pai, de uma certa “terceirização” desse lugar, assumido pela escola, por psicólogos e outros especialistas. Segundo ela:

O que nomeamos “terceirização da função paterna” diz respeito, primeiramente, a um fenômeno clínico contemporâneo que se caracteriza essencialmente pela delegação das funções familiares mais elementares a terceiros (escolas, pedagogos, psicólogos, serviços públicos de assistência social...). Mais do que isso, a expressão “terceirização da função paterna” pretende traduzir a idéia de que a família contemporânea, ao não assumir a socialização primária de seus filhos, não se responsabiliza pela castração destes, gerados em seu próprio interior, promovendo a emergência de sujeitos que sequer reconhecem no Outro a causa de seu mal-estar. (DECOURT, 2004, p.14).

Se um filho é uma das soluções para a mulher, para o homem um filho parece mais uma ameaça. A tentativa desta pesquisa é aprofundar a discussão sobre estas questões, procurar estabelecer o percurso que leva um homem a constituir-se como pai.

Para tanto, em um primeiro capítulo retomaremos as versões freudianas do pai, as discussões sobre o *Édipo masculino*, *Totem e tabu* e *Moisés e o Monoteísmo*. Se o pai em Freud é o pai morto, chama a atenção que, nas três versões, o pai seja morto pelo ou pelos filhos. Embora Freud tenha tido necessidade de escrever as três versões, o que se repete é o assassinato do pai

pelo filho. Para ser pai é necessário eliminar o próprio pai, mesmo que inconscientemente? Esta questão será discutida no primeiro capítulo, além das elaborações de Freud acerca da fobia e posição paterna.

No segundo capítulo, faremos um percurso pela noção de metáfora paterna de Lacan, priorizando o Seminário IV e V. Veremos que Lacan relaciona ao desejo da mãe o Nome-do-pai. Por que Nome-do-pai e não Desejo do Pai? Seria a mãe, enquanto mulher, mediadora do desejo paterno? Veremos também que a paternidade sofreu influências de cada época, sendo que o próprio Lacan, em seu texto sobre os complexos familiares, relaciona a família com a cultura. Esse texto é considerado por Miller (2006) como “a primeira teoria do desenvolvimento de Lacan”, daí sua relevância para nosso trabalho. Quais seriam as conseqüências das mudanças sofridas pela paternidade nos dias de hoje e sua relação com o desejo de ser pai?

No terceiro capítulo, trabalharemos alguns textos que tratam do pai e sua posição social. Investigaremos, também, a relação estabelecida entre a instância paterna e a Lei e entre a instância paterna e as leis. Será feita a distinção entre a Lei para a psicanálise e as leis positivas, objeto do direito.

Por fim, no quarto capítulo, veremos que o pai de Hans é paradigmático de um certo modo de ser paterno, que nos remete aos tempos atuais, em que o pai procura terceirizar sua função, ou seja, demonstra sua dificuldade em se colocar enquanto Lei, o que acaba por gerar novas vicissitudes nas relações entre os pais e filhos no contexto atual.

Depois, será feita na conclusão uma discussão destes capítulos, na tentativa de amarrar e responder as questões colocadas no início, principalmente a pergunta sobre como se estabelece no homem o desejo de ser pai.

2 - FREUD E A QUESTÃO PATERNA

“Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”.
Goethe

2.1 – Os mitos do pai em Freud

No decorrer de sua obra, Freud elaborou três mitos relacionados à figura paterna: *Complexo de Édipo*, *Totem e tabu* e *Moisés*. Vimos que os mitos têm uma função na psicanálise, ou seja, na impossibilidade de responder objetivamente a algumas questões, as narrativas ficcionais cumprem o papel de esclarecer os pontos obscuros.

Lacan, em *O mito individual do neurótico*, considera que a psicanálise tem uma posição particular no conjunto das ciências. Segundo ele:

Isto faz com que a experiência analítica não se esgote em nenhuma relação que decisiva e definitivamente não seja objetivável, dado que em definitiva, a relação analítica implica sempre em seu âmbito a constituição de uma verdade que de certa forma não pode ser dita, já que o que a constitui é a palavra, e seria preciso de alguma maneira dizer a própria palavra, o que é, propriamente falando, o que não pode ser dito enquanto palavra. (LACAN, 1953, tradução nossa)².

Assim, de acordo com Lacan (1953), é o mito que confere uma fórmula discursiva ao que não pode ser dito, ao que não pode ser transmitido enquanto verdade. Com relação aos três mitos freudianos do pai, algo se repete. Nas três narrativas, o pai é assassinado, e assassinado não por desconhecidos, aleatoriamente, mas assassinado por seus filhos.

² Esto hace que la experiencia analítica no se agote en ninguna relación, que decisiva y definitivamente no sea objetivable, dado que en definitiva la propia relación analítica implica siempre en su seno la constitución de una verdad, que en cierta forma no puede ser dicha, puesto que la palabra es la que la constituye y dice y habría entonces que decir la palabra misma, y esto, propriamente hablando, no puede ser dicho en tanto que palabra.

Este capítulo pretende, então, retomar as três versões freudianas do pai, a fim de tentar explorar em cada uma delas o estatuto do pai e sua relação com o filho. Por que, para Freud, o pai é o pai morto? O que é um pai, em cada uma das versões apresentadas por Freud? Por que Freud necessitou de três versões do pai? São estas, portanto, as questões a serem discutidas neste capítulo.

2.1.1 - Édipo: a primeira versão do pai em Freud

A primeira conceituação do Édipo em Freud aparece em 1897, em uma carta endereçada a Fliess (FREUD, 1950/1990, p.350), na qual ele considera como evento universal do início da infância a paixão pela mãe e o ciúme do pai, descoberta efetuada por meio de sua clínica e de sua auto-análise. Naquele momento ainda não aparece o termo “complexo”. Somente no texto *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem*, de 1910, surge a expressão “Complexo de Édipo”, como uma espécie de orientador da sexualidade infantil.

Quanto ao complexo de castração, Freud, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905 (mas revisto até 1925), diz que a primeira das notáveis teorias sexuais infantis consiste em atribuir a ambos os sexos uma genitália idêntica, sendo que a menina reconhece a diferença e, assim, é tomada pela inveja do pênis.

Em 1908, Freud publica o artigo *Sobre as teorias sexuais das crianças*, e afirma que a primeira dessas teorias deriva do desconhecimento das diferenças entre os sexos e consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis. Segundo ele, isso se deve ao valor que o menino atribui a essa parte do corpo, já que na infância o pênis tem grande valor como zona erógena. Assim:

[...] as palavras de um menino pequeno quando vê os genitais de sua irmãzinha demonstram que o seu preconceito já é suficientemente forte para falsear sua percepção. Ele não se refere à ausência do pênis, mas comenta invariavelmente, com intenção consoladora: o dela ainda é pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer. (FREUD, 1990, p. 219).

No caso das meninas, a inveja do pênis é, para Freud, fato incontestável. Segundo ele:

Observa-se com facilidade que as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos têm do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por essa parte do corpo masculino, interesse que é logo seguido pela inveja. As meninas julgam-se prejudicadas e tentam urinar na postura que é possível para os meninos porque possuem um pênis grande; e quando uma delas declara que “preferiria ser um menino”, já sabemos qual a deficiência que desejaria sanar. (FREUD, 1990, p. 221).

Em 1923, Freud, no texto sobre *A organização genital infantil*, reafirma que o inconsciente reconhece apenas o falo como o único órgão sexual para ambos os sexos:

[...] a característica principal dessa organização genital infantil, é sua diferença da organização final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo. (FREUD, 1990, p. 180).

No mesmo texto, Freud diz que as crianças rejeitam o fato da ausência do pênis encobrendo a percepção com a fala de que “ele vai crescer”, para lentamente chegarem à conclusão de que o pênis esteve lá, mas fora retirado pela castração. E, ainda, que as castradas assim o foram por punição. Algumas mulheres a quem respeitam ainda possuem o pênis por longo tempo, pois ser mulher ainda não é sinônimo de não ter pênis. Diz Freud:

No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe masculinidade, mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. (FREUD, 1990, p.184).

Esta é uma afirmação essencial, pois a questão aqui já não diz respeito mais ao pênis enquanto órgão anatômico, mas sim sobre as representações das diferenças sexuais no

inconsciente. Quando Freud diz que não existe feminilidade, não quer dizer que a vagina não exista, pois como órgão anatômico ela está presente na configuração física da mulher. O que ele diz é que, apesar de sua presença no físico, ela não é reconhecida enquanto tal pelo inconsciente.

Tem início, então, a discussão sobre a diferença da vivência edípica masculina e feminina, e a castração se torna central no Édipo. Em texto de 1924, *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud reafirma o conhecimento de apenas um órgão, o masculino. Nos garotos, então, a ameaça de castração contribui para a dissolução do complexo. Essa ameaça, efetuada por algum adulto, só faz sentido *a posteriori*, quando ele se depara com a visão da genitália feminina. Assim, as duas possibilidades de satisfação do complexo (colocar-se no lugar do pai e ter relações com a mãe, ou assumir o lugar da mãe e ser amado pelo pai) não podem ser alcançadas, pois ambas acarretariam a perda do pênis (a masculina como punição resultante e a feminina como precondição). Nesse momento, as catexias objetais seriam abandonadas, em favor de identificações, preservando assim o narcisismo, segundo Freud.

É a partir desse texto que Freud começa a marcar diferenças significativas entre as vivências femininas e masculinas do complexo de Édipo. Entre essas diferenças fundamentais, o período pré-edípico na menina parece ser o mais importante. Na criança de sexo feminino, o complexo de castração é anterior ao Édipo, pois a garota imagina ter possuído o órgão, mas perdera-o pela castração. “Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência.” (FREUD, 1990, p.223).

Nesse texto, Freud ainda considera que o Édipo na menina é mais simples que no menino. A menina é tida como aquela que procura assumir o lugar da mãe e que adota atitudes femininas para com o pai. E, como tentativa de compensação pela falta de pênis, surgiria na menina o desejo de receber um bebê como presente do pai. A inveja do pênis seria então substituída por essa equação simbólica pênis = filho = falo, e a identificação da menina com a mãe se daria de forma quase automática.

Moreira (2004) afirma que a confusão em torno da feminilidade está assentada no engodo imaginário que iguala pênis a falo. Segundo a autora, quando Freud utiliza o significante falo, parece se tratar de um descolamento da biologia, sendo que a equação pênis = filho seria um engodo, melhor dizer falo = filho. Haveria então, uma crença imaginária na confusão entre pênis e falo, uma crença incapaz de apreender o estatuto simbólico da equação (pênis = filho = falo).

Assim, a dissolução do Édipo nos meninos seria ocasionada pelo temor da castração, pelo interesse narcísico nos órgãos genitais, enquanto nas meninas é o complexo de castração que inicia o Édipo. Mas, neste momento, aparece um dilema. O menino tem como primeiro objeto de ligação sua mãe, e esse objeto é o mesmo desde o início até o declínio do complexo.

A menina, como foi dito acima, inicia sua travessia edípica pelo temor da castração. A partir destas considerações, Freud passa a entender o Édipo feminino como vivência diferenciada, particular, em relação à vivência masculina do complexo. O grande dilema citado refere-se ao fato de que, como o menino, a menina também possui como primeiro objeto de ligação sua mãe. Com a publicação, em 1925, de *Algumas conseqüências da diferença anatômica entre os sexos*, o período pré-edípico que envolve a ligação da menina com a mãe passa a ser discutido como fato marcante, em termos de inconsciente.

O importante a ser marcado nestas considerações iniciais a respeito do Édipo é que, no caso das meninas, o filho faz parte de uma equação simbólica, é uma solução, algo que passa a ser almejado. Já no que diz respeito aos meninos, a rivalidade paterna assume os contornos de uma tragédia: para se afirmar enquanto sujeito, o menino necessita matar o pai.

Em 1925, Freud reafirma as considerações do ano anterior, em que a menina se transforma numa “pequena mulher” (FREUD, 1990, p.318), ao abandonar o desejo de obter o pênis pelo desejo de ter um filho. Reafirma também que nos meninos o complexo de Édipo é destruído a partir da ameaça de castração:

O complexo de Édipo, contudo, é uma coisa tão importante que o modo por que o indivíduo nele se introduz e o abandona não pode deixar de ter seus efeitos. Nos meninos (como demonstrei amplamente no artigo a que acabo de me referir [1924d] e ao qual todas as minhas atuais observações estão estreitamente relacionadas), o complexo não é simplesmente reprimido; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características. Em casos normais, ou melhor, em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro. (FREUD, 1990, p.319).

Com relação ao menino, persiste o que já havia sido construído, ou seja, enquanto o complexo de Édipo fica aberto na menina e a maternidade se afirma como uma possibilidade de resolução do complexo, no menino o Édipo sofreria um declínio.

Poderíamos pensar, portanto, na possibilidade de que, convocado a assumir a paternidade, o sujeito masculino reativasse o complexo de Édipo, ou seja, de que um filho pudesse ameaçar o pai, da mesma forma que um dia o pai ameaçou um filho?

É interessante pensar, retomando o mito de Édipo, que Laio se sente ameaçado pelo filho, a ponto de tentar se livrar dele. Como um pai se sustenta, assume, deseja estar na posição de pai, se o filho pode ser uma ameaça?

De acordo com Marcos:

A função do pai se mantém como o que possibilita a irrupção do desejo no sujeito. No Édipo, é ele que ocupará o primeiro plano da cena, o centro da trama; é ele que introduzirá a lei da proibição do incesto, marcando a entrada do sujeito no mundo da cultura; é ele que, justamente, apontará a mãe como objeto de desejo, através de sua interdição. A dissolução do complexo não determina o fim da influência do pai na estruturação psíquica, mas sua introjeção no sujeito, com o nascimento do supereu. (MARCOS, 2003, p. 28).

O supereu como herdeiro do complexo de Édipo se constitui como saída, declínio do complexo para o sujeito masculino. Mas, como afirmado por Marcos na passagem acima, a influência do pai persiste no inconsciente.

2.1.2 - A segunda versão do pai: Totem e tabu

Totem e tabu, texto escrito entre 1912 e 1913, é dividido em quatro ensaios. O primeiro, intitulado *O horror ao incesto*, introduz o tema do *totem*. Freud considera instigante o fato de que canibais de tribos afastadas e selvagens, como os aborígenes da Austrália, pudessem ter leis severas que proibissem relações incestuosas. Essas leis se sustentavam através do totemismo, ou seja, as tribos se dividiam em clãs que, por sua vez, se dividiam em grupos menores, cada qual com seu totem (os totens eram geralmente animais, perigosos e temidos ou comíveis e inofensivos, mais raramente um vegetal ou fenômeno natural). Assim, estabeleciam-se as regras contra relações sexuais entre pessoas pertencentes ao mesmo totem.

No segundo ensaio, chamado *Tabu e ambivalência emocional*, Freud tenta resgatar o sentido da palavra *tabu* e sua relação com as proibições impostas nas mais variadas ocasiões. “Sagrado”, “consagrado”, “misterioso”, “perigoso” e “proibido” são somente algumas das definições de *tabu*. Segundo Freud:

O que nos interessa, portanto, é certo número de proibições às quais estes povos primitivos estão sujeitos. Tudo é proibido, e eles não têm nenhuma idéia por quê e não lhes ocorre levantar a questão. Pelo contrário, submetem-se às proibições como se fossem coisa natural e estão convencidos de que qualquer violação terá automaticamente a mais severa punição. (FREUD, 1990, p. 41).

O núcleo do totemismo seria constituído pela proibição de matar e comer o animal totêmico. Freud compara essas proibições dos selvagens aos comportamentos de neuróticos, principalmente os obsessivos, mas também a uma certa ambivalência emocional, presente em todos os neuróticos.

O terceiro ensaio, *Animismo, magia e a onipotência de pensamentos*, discorre sobre a questão do pensamento mágico do homem primitivo. Já o quarto ensaio, *O retorno do totemismo na infância*, é o que traz a tese freudiana do assassinato do pai primevo. Para explicar a origem do totemismo, Freud recorre à comparação entre as relações das crianças e dos povos primitivos com os animais.

A fobia de animais é retratada pelo caso Hans e pela citação de um outro caso trabalhado por Ferenczi, de uma criança chamada Árpád, que elegeu como animal totêmico uma galinha, depois de ter sido bicada na direção do pênis. Para Freud: “Era a mesma coisa em todos os casos: quando as crianças em causa eram meninos, o medo, no fundo, estava relacionado com o pai e havia sido simplesmente deslocado para o animal”. (FREUD, 1990, p.155).

A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai e isto entra em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma ocasião festiva – com o fato de que ele é morto e, entretanto, pranteado. A atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta freqüência persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai. (FREUD, 1990, p.169).

Para Freud, haveria uma horda primitiva presidida por um pai tirânico e violento, que detinha todas as mulheres. Certo dia, os filhos se revoltaram, mataram o pai e o devoraram, realizando na refeição totêmica uma identificação com esse pai. Odiavam o pai, mas também o amavam e admiravam. Essa ambivalência emocional resultou numa culpa, num sentimento de remorso. Assim, “o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo” (FREUD, 1990, p.171). A partir da culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo – não matar o totem (o pai) e não possuir as mulheres do totem (incesto) – estavam estabelecidos, sendo que estes tabus correspondem aos desejos reprimidos do complexo de Édipo.

2.1.3 - Moisés

Moisés e o monoteísmo traz a tese, defendida por Freud, de que Moisés não era um hebreu, mas sim um egípcio. Freud parte da origem do nome “Moisés” para discutir a questão. Mas o que nos interessa no ensaio é a versão do mito freudiano do pai ali construída.

Freud cita Otto Rank, que publicou um livro intitulado *O mito do nascimento do herói*, no qual constata que, em diferentes momentos da história e diferentes civilizações, algo se repete em relação ao mito, ou seja, algumas características independem do lugar ou do tempo.

Assim, o herói seria filho de pais muito aristocráticos, geralmente filho de um rei; sua concepção seria precedida de dificuldades; durante a gravidez haveria um oráculo ou sonho que apontaria uma ameaça do filho ao pai; a criança seria então abandonada ou condenada à morte pelo pai ou seu representante, sendo salva por animais ou uma pessoa humilde e, após ter crescido, vingava-se do pai (FREUD, 1990, p.23).

Vemos aí a trajetória de Édipo, que guarda muitas semelhanças com a história de Moisés. Freud afirma que este mito de nascimento é ainda mais remoto, sendo que o mais antigo de que se tem registro é o mito de Sargão de Agade, fundador da Babilônia, e remonta a 2.800 a.C. Freud considera que nesses mitos o herói é quem teve coragem de rebelar-se contra o pai, nasceu contra a vontade do pai e foi salvo, apesar das más intenções paternas.

Na verdade, contudo, a fonte de toda ficção poética é aquilo que é conhecido como o “romance familiar” de uma criança, no qual o filho reage a uma modificação em sua relação emocional com os genitores e, em especial, com o pai. (FREUD, 1990, p. 25).

No início, haveria uma supervalorização dos genitores, que Freud compara com as figuras do rei e da rainha dos contos de fada, mas com o tempo os pais desapontam a criança, que se desliga deles e passa a adotar uma atitude crítica. As famílias do mito, tanto a aristocrática quanto a humilde, seriam reflexos da própria constelação familiar.

A religião é discutida nesse ensaio, que trata da necessidade dos homens de se submeterem a uma autoridade – daí a figura do Deus-Pai – que possa também ser admirada. A religião seria a resposta ao anseio pelo pai:

E pode então começar a raiar em nós que todas as características com que aparelhamos os grandes homens são características paternas, e que a essência dos grandes homens, pela qual em vão buscamos, reside nessa conformidade. A decisão de pensamento, a força de vontade, a energia da ação fazem parte do retrato de um pai - mas, acima de tudo, a autonomia e a independência de um grande homem, sua indiferença divina que pode transformar-se em crueldade. Tem-se de admirá-lo, pode-se confiar nele, mas não se pode deixar de temê-lo, também. Deveríamos ter sido levados a entender isso pela própria expressão: quem, senão o pai, pode ter sido o “homem grande” na infância? (FREUD, 1990, p.131).

Freud ainda considera que o afastamento da mãe para o pai proporciona uma vitória da intelectualidade sobre a sensualidade, pois “a maternidade é provada pela evidência dos sentidos, ao passo que a paternidade é uma hipótese, baseada numa inferência e numa premissa” (FREUD, 1990, p.136).

Assim, o avanço em intelectualidade consistiria em ir contra uma percepção sensória direta, em favor de lembranças, reflexões e inferências, a paternidade sendo mais importante que a maternidade, daí a criança usar o nome do pai e ser herdeira dele (FREUD, 1990, p.140).

Nesse momento da obra, Freud retoma *Totem e tabu*, para afirmar que o totemismo já trazia uma série de ordens e proibições que se constituíam como renúncias instintuais, renúncias estas relacionadas com a figura do pai. A adoração ao totem, com a proibição de danificá-lo ou matá-lo, e a exogamia (a renúncia às irmãs e mães da horda) operariam do lado pai, já que seria

uma continuidade do que já tinha sido estabelecido pelo pai. A aliança fraterna estabelecida entre os irmãos seria de outra ordem, justificando-se pela necessidade de manter a nova ordem estabelecida, evitando uma recaída ao estado anterior.

Para Freud, haveria uma similaridade com o que acontece no desenvolvimento da criança, em que o pai exige que o filho renuncie ao instinto, decidindo por ele o que é concedido e o que é proibido. A prática da circuncisão seria equivalente à castração, um substituto simbólico desta, demonstrando a submissão ao pai, mesmo que este impusesse o mais penoso sacrifício.

Freud reafirma nesse ensaio a importância da identificação ao pai na primeira infância, tema tratado nos textos sobre o complexo de Édipo, identificação esta que é rejeitada num dado momento da vida do sujeito, mas que depois se restabelece de forma “supercompensada” (FREUD, 1990, p.149).

2.2 – A fobia e sua relação com o pai

A partir das leituras efetuadas, um ponto chama a atenção, a saber, a relação do pai com a fobia. Tal relação fica muito evidente no mito do pai primevo, em *Totem e tabu*. O pai é descrito como o substituto do animal totêmico e, no caso das fobias infantis, é também o pai o substituto do objeto fóbico. Mas, como esta relação é estabelecida? Por que cabe ao pai esse lugar? Estas são algumas das questões que tentaremos responder.

A pretensão desta breve retomada do conceito não é de aprofundar as discussões teóricas acerca da fobia, mas somente elucidar a relação desta com o pai. Para tanto, seguiremos com a discussão do texto *Inibições, sintomas e ansiedade*.

O texto em questão foi publicado em 1926 e, como o próprio título diz, traz as considerações de Freud, primeiramente sobre as inibições, depois sobre os sintomas e, finalmente, sobre a ansiedade.

A inibição é descrita como uma restrição normal de uma função, uma restrição de uma função do ego. A inibição evitaria, portanto, um conflito entre o ego e o id ou entre o ego e o superego. Já o sintoma é descrito como um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente, consequência do processo de recalque.

Para tentar explicar esses processos, Freud retoma o caso do “Pequeno Hans”, que ilustra a maneira como a inibição, o sintoma e a ansiedade se relacionam. De acordo com Freud:

O inexplicável medo de “Little Hans” por cavalos era o sintoma e sua incapacidade de sair à rua era uma inibição, uma restrição que o ego do menino impusera a si mesmo a fim de não despertar o sintoma de ansiedade. (FREUD, 1990, p.123).

O medo do cavalo, no entanto, era um medo bem específico, medo de que o cavalo pudesse mordê-lo. Freud retoma, então, alguns dados do caso e lembra que Hans, na época da instalação da fobia, se encontrava numa atitude hostil e ciumenta em relação ao pai por causa da mãe, mas, fora isso, amava ternamente o pai. “Aqui, então, temos um conflito devido à ambivalência: um amor bem fundamentado e um ódio não menos justificável dirigidos para a mesmíssima pessoa.” (FREUD, 1990, p.124).

Conflitos devido à ambivalência, de acordo com Freud, são freqüentes e podem ter outro tipo de resultado, como a formação reativa, onde um dos sentimentos, geralmente o da afeição, se torna exageradamente intenso, como forma de manter o afeto hostil sob supressão. Mas no caso de Hans, não há vestígios deste tipo de formação reativa, mas sim uma certeza: a de que o impulso pulsional que sofreu repressão em Hans foi um impulso hostil contra o pai.

A prova disto foi obtida na análise do menino enquanto a idéia do cavalo que mordida estava sendo acompanhada. Ele vira um cavalo cair e também vira um companheiro de brinquedo, com quem brincava de cavalo, cair e ferir-se. A análise justificou a inferência de que ele tivera um impulso pleno de desejo de que o pai devia cair e ferir-se como seu companheiro e o cavalo haviam feito. Além disso, sua atitude em relação à partida de alguém em certa ocasião torna provável que o desejo de que o pai não atrapalhasse também encontrou expressão menos hesitante. Mas um desejo dessa espécie equivale a uma intenção de alguém desvencilhar-se do pai – equivale ao impulso assassino do complexo de Édipo. (FREUD, 1990, p.124).

Ocorre, então, um deslocamento no qual se substitui o pai pelo cavalo, permitindo que o conflito devido à ambivalência seja resolvido sem o auxílio da formação reativa, sendo este deslocamento o sintoma.

Nas crianças pequenas ainda persistem os traços inatos do pensamento totêmico, não havendo separação entre o mundo humano e o mundo animal, permitindo assim que o homem adulto (podemos acrescentar, o pai), objeto de seu medo e de sua admiração, permaneça na mesma categoria que o grande animal, que possui atributos invejáveis, mas do qual é necessário ter medo, pois pode se tornar perigoso.

Nesse momento de sua explanação, Freud retoma o caso do “Homem dos lobos” como exemplo de um outro caso em que ocorreu a substituição da figura paterna por um animal. Acrescenta que a idéia de ser devorado pelo pai é “típica do material infantil consagrado pelo tempo” (FREUD, 1990, p.127). Segundo Freud, apesar das dificuldades em tentar explicar o porquê do medo, os casos do “Homem dos lobos” e do “Pequeno Hans” permitem inferir que, em ambos, tratava-se de um impulso hostil dirigido ao pai que foi transformado em seu oposto, ou seja: “Em vez da agressividade por parte do paciente para com o pai, surgiu a agressividade (sob a forma de vingança) por parte do pai para com o paciente” (FREUD, 1990, p.128). Mas, além dessa agressividade sádica, uma “atitude passiva suave” também foi reprimida. Portanto, o que foi suprimido via repressão foi a atitude ambivalente para com o pai.

Mas Freud vai além em sua análise do caso e percebe que a atitude ambivalente para com o pai sofreu a repressão, mas também todos os componentes do complexo edipiano de Hans, inclusive a catexia objetual afetuosa dirigida a mãe. A comparação efetuada entre “Homem dos lobos” e “Pequeno Hans” apresenta, nesse momento da análise freudiana, alguns problemas. Para Freud, Hans efetuou um complexo de Édipo positivo, enquanto o jovem russo (“Homem dos lobos”) acentuou seu lado passivo feminino.

Ao questionar essas diferenças - que mesmo importantes propiciaram a manifestação do mesmo tipo de sintoma, a fobia -, Freud tenta localizar o que de comum poderia haver nos casos e chega à conclusão de que a força motriz que agiu em ambos era a mesma: o temor de castração iminente.

“Little Hans” desistiu de sua agressividade para com o pai temendo ser castrado. O medo de que um cavalo o mordesse pode, sem nenhuma força de expressão, receber o pleno sentido do temor de que um cavalo arrancasse fora com os dentes seus órgãos genitais - o órgão que o distinguia de uma fêmea. Como vemos, ambas as formas do complexo edipiano, a forma normal, ativa e a invertida fracassaram através do complexo de castração. (FREUD, 1990, p. 130).

Desta forma, Freud constata que foi o recalque que produziu a ansiedade e não a ansiedade que produziu o recalque, como acreditava. Ser mordido por um cavalo equivale, para Hans, a ser castrado pelo pai.

Agora já é possível vislumbrar a relação do pai com a fobia. Tudo gira em torno do temor à castração. Haveria, portanto, uma relação ambivalente para com o pai, fruto do complexo de Édipo. A hostilidade dirigida ao pai é recalçada, assim como o impulso passivo, e em seu lugar é eleito determinado objeto como substituto. A hostilidade se transforma em seu oposto; em Hans o ódio ao pai é transformado em medo de cavalo, e, como o pai é o agente da castração, surge o temor de ser “mordido pelo cavalo”, que, no fundo, é o mesmo que “ser castrado pelo pai”.

Essa formação substitutiva apresenta, de acordo com Freud, duas vantagens óbvias: evita um conflito devido à ambivalência e permite ao ego deixar de gerar ansiedade, pois a ansiedade da fobia é condicionada pela percepção do objeto.

Não é preciso ter medo de ser castrado por um pai que não se encontra ali. Por outro lado, uma pessoa não pode livrar-se de um pai; ele pode aparecer sempre que deseja. Mas se for substituído por um animal, tudo o que se tem de fazer é evitar a vista do mesmo – isto é, sua presença – a fim de ficar livre do perigo e da ansiedade. (FREUD, 1990, p.149).

Freud ainda faz outras considerações sobre a ansiedade nesse ensaio, mas o que nos interessa mesmo já foi colocado, sendo que o mais importante, neste momento, é que retenhamos o papel fundamental do complexo de castração na díade pai-filho.

2.3 – Pater semper incertus est

Édipo, Totem e tabu e *Moisés* constituíram-se como tentativas de Freud de responder o que é um pai, sendo que a formulação do conceito de complexo de Édipo esteve intimamente ligada às questões pessoais de Freud, relacionadas com seu próprio pai. Na carta 71, ele revela:

Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas. (Algo parecido com o que acontece com o romance da filiação na paranóia — heróis, fundadores de religiões.) Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino; e podemos entender por que os “dramas do destino” posteriores estavam fadados a fracassar lamentavelmente. Nossos sentimentos opõem-se a qualquer compulsão arbitrária e individual [do destino], tal como é pressuposto em *Die Ahnfrau* [de Grillparzer] etc. Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (FREUD, 1890, p.365).

É importante lembrar que, com o avanço da teoria, Freud vai estabelecendo as diferenças entre as vivências masculina e feminina do complexo. Embora a mãe seja objeto de desejo, tanto para o filho quanto para a filha num primeiro momento, a menina efetua um deslocamento em que o pai se configura como objeto desejado e a mãe passa a ser a figura odiada. O que realmente interessa para esta investigação é a vivência masculina, a relação estabelecida entre filho e pai. O filho para a mulher, segundo Freud, é uma saída, uma solução. Mas, para o homem, é uma ameaça.

Enquanto o mito de Édipo é trabalhado aos poucos por Freud em vários textos, até que finalmente ele pudesse forjar o próprio conceito de complexo de Édipo, *Totem e tabu* e *Moisés e o Monoteísmo* foram escritos na forma de ensaios que tratam preponderantemente da religião, em que o poder do pai é reafirmado. É possível encontrar um ponto em comum muito relevante entre esses ensaios e o mito de Édipo: a presença do pai, mas não de um pai qualquer, a presença do pai morto. Há, portanto, três mitos sobre o pai em Freud, mas todos eles com este elemento que repete, que insiste, a morte do pai, mais especificamente a morte do pai pelos filhos.

Tal qual o espectro que retorna em *Hamlet*, o pai assombra Freud. Gomes (2002) lembra que no texto sobre *A Interpretação dos sonhos*, na parte intitulada *Sonhos sobre a morte de pessoas queridas*, Freud propõe uma primeira leitura sobre as tragédias inglesa e grega. Nesse momento, Freud pergunta por que os filhos, mesmo tendo os pais como objetos dignos de amor, desejam sua morte. Gomes (2002) comenta:

O pai, pelo fato de se interpor entre a criança e a mãe, é o representante da lei que limita as possibilidades de satisfação decorrentes dessa relação. Porém, sua morte corresponde, nesse momento das elaborações de Freud, a uma conquista de liberdade. Portanto, ele não pode ser pensado ainda como função que permite uma ordenação da subjetividade. Essa concepção do Édipo aponta ainda para o pai na medida em que ele exista como pessoa, uma vez que, com a sua morte, abre-se o caminho para a liberdade do sujeito. Freud logo perceberá que essa concepção não dá conta do que se passa na clínica. (GOMES, 2002, p.42).

Ainda segundo a autora, “a questão da ambivalência ao pai abre a via para se pensar que o pai carece de luto numa dimensão que ultrapassa o luto pela morte do pai de carne e osso, na realidade” (GOMES, 2002, p.42). Freud, portanto, num primeiro momento, acredita na morte do pai da realidade como libertadora, o que permitiria o acesso à satisfação pulsional sem limites³.

A dissolução do complexo de Édipo, no entanto, não elimina a influência paterna, pois o pai, introjetado na forma de supereu, permanece na constituição psíquica do sujeito. Não se trata, então, da morte do pai da realidade, mas de um processo pelo qual passa o sujeito, processo este que tem como saldo a formação do supereu. Freud percebeu que a eliminação do pai, rival indesejado, que prometia o acesso à satisfação pulsional ilimitada, acabou por criar uma instância referida à Lei.

Totem e tabu, escrito por Freud, é um texto paradigmático da relação do sujeito com a Lei. Relata um tempo mítico em que o pai tirano é morto pelos filhos num ritual canibalesco, e tal ato tem como consequência um sentimento de culpa e remorso, surgindo daí a cultura. Essa versão freudiana do mito paterno sugere a entrada no mundo simbólico. Marcos (2003), citando Millot, diz que o mito de Édipo e o mito de *Totem e tabu* possuem estruturas diferentes. Enquanto em *Totem e tabu* o gozo é encarnado pelo pai, cujo assassinato introduz a lei que interdita a satisfação, no Édipo é a morte do pai que permite o gozo. Já *Moisés e o monoteísmo* trata de um homem concreto, personagem real. Para Marcos:

Logo no início do texto, vemos que não somente Moisés não é judeu, mas que ele é um filho, e não um pai [...]. Ele é ao mesmo tempo pai e filho, ou melhor, ele só é pai na medida em que se reconhece como filho de um pai. Subjacente às questões sobre a

³ Segundo Gomes, a partir da noção de pulsão de morte e da introdução do conceito de supereu, o estatuto do pai é modificado, não se tratando mais do pai da realidade.

transmissão da tradição entre as gerações e a formação do povo judeu, a paternidade é constantemente interrogada. Nome a transmitir, nascido de uma distância entre testemunha sensorial e sublimação, o pai só pode ser designado a partir de uma crença na palavra da mãe e de uma operação do filho, aceitando o nome transmitido. (MARCOS, 2003, p.31).

Partindo então do mito de Édipo, no qual de início haveria um equívoco entre pai da realidade e pai simbólico, Freud chega até a conceitualização do supereu, herdeiro do pai morto, o que remete ao pai da horda primeva e seu caráter não mais de realidade, mas simbólico, até chegar em Moisés, pai na medida em que se reconhece como filho de um pai. Daí a necessidade de três mitos sobre o pai.

E assim, no texto *O romance familiar do neurótico*, Freud esclarece a necessidade infantil de reescrever sua história. Se a mãe é certíssima, o *pater semper incertus*, surge a necessidade de a criança responder ao enigma do pai.

Podemos perceber através deste percurso que Freud, apesar de ter partido do pai enquanto pessoa, figura da realidade, vai aos poucos modificando seu estatuto até que o simbólico se imponha como verdadeiro terreno, se tratando não mais do pai, mas da função paterna. Neste sentido, Lacan avança com o conceito de metáfora paterna, o qual trabalharemos no capítulo seguinte. Vimos, neste capítulo, as três versões do pai em Freud e acompanhamos suas elaborações sobre o pai morto. Veremos, no capítulo seguinte, que Lacan avança com relação ao papel do pai a partir da construção da metáfora paterna, tomando como referência o primeiro ensino e suas contribuições.

3 - O PAI NA PRIMEIRA CLÍNICA DE LACAN

*“Afinal de contas, todos os pais, no fundo de seu coração, não abrigam o desejo de matar os filhos?”
O caçador de pipas*

3.1 – Família e posição paterna: os complexos familiares

Publicado pela primeira vez em 1938, o texto *Os complexos familiares na formação do indivíduo* foi encomendado a Lacan por Henry Wallon, para fazer parte de uma Enciclopédia. Hoje, no entanto, é considerado um precursor de toda teoria lacaniana. Segundo Miller (2006), apesar desse texto não ter recebido a atenção merecida, ele pode ser considerado o primeiro grande escrito e posicionamento de Lacan, além de uma síntese da teoria do desenvolvimento psíquico, assim como de uma clínica freudiana.

Como *Os complexos familiares...* trata, em sua essência, da família, e conseqüentemente do pai, iremos retomar alguns pontos considerados relevantes para nossa discussão. Veremos como Lacan percebe o pai nesse momento de sua obra e a importância do fator cultural na formação dos complexos.

Na introdução, Lacan vai enfatizar o papel da família, como aquela que “transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência” (LACAN, 1938, p.13). Na seqüência, irá especificar o termo “complexo” e seu sentido para a psicanálise. O complexo é, então, definido como pertencente ao domínio da cultura, e a família, lugar de eleição dos complexos.

O primeiro complexo descrito por Lacan é o complexo de desmame, que, segundo ele, “deixa no psiquismo humano o traço permanente da relação biológica que ele interrompe” (LACAN, 1938, p.23). Lacan pretende, nesse momento, mostrar a diferenciação fundamental entre o animal e o humano. O instinto, presente no animal, teria um suporte orgânico, enquanto o complexo, ocasionalmente, teria esta relação com o orgânico.

Depois, Lacan fala sobre o complexo de intrusão. Trata-se da relação do bebê com outros bebês, implicando em uma rivalidade observável. O terceiro complexo tratado por Lacan é o complexo de Édipo, o que mais nos interessa em nossa análise. Lacan situa, de início, os atores dessa trama:

Fixando a criança por um desejo sexual ao objeto mais próximo que normalmente a presença e o interesse lhe oferecem, a saber, o progenitor do sexo oposto, essas pulsões fornecem ao complexo sua base; a frustração delas forma seu nó. Ainda que inerente à prematuração essencial dessas pulsões, essa frustração é referida pela criança ao terceiro objeto que as mesmas condições de presença e de interesse lhe designam normalmente como obstáculo para sua satisfação: a saber, ao progenitor do mesmo sexo. (LACAN, 1938, p. 42).

O progenitor do mesmo sexo assume o papel de agente da interdição. Nesse momento, Lacan estabelece um primeiro esboço da diferença entre supereu e ideal do eu. A tensão constituída com o progenitor se resolve por um recalçamento da tendência sexual promovida pelo supereu e por uma sublimação da imagem parental, constituindo o ideal do eu.

Para Lacan, Freud formula uma teoria da família ao descobrir que o recalque e a assunção ao sexo estão ligadas às interdições que o grupo familiar estabelece. Existe, no entanto, uma dessimetria entre os dois sexos em relação ao complexo. Segundo Lacan, o desejo edipiano aparece de forma muito mais intensa para a mãe. “Por outro lado, a repressão revela, em seu mecanismo, traços que só parecem justificáveis inicialmente se, em sua forma típica, ela se exerce do pai para o filho. Aí se encontra o cerne do complexo de castração” (LACAN, 1938, p.44).

Haveria, então, um duplo movimento: agressão contra o progenitor rival e temor de ser vítima de agressão semelhante. A partir da constatação da interdição do incesto com a mãe ter um caráter universal, Freud dá, segundo Lacan, o grande salto teórico: da família conjugal observável a uma hipotética família primitiva, concebida como horda em que um macho detém o poder e o assassinato do pai funda a cultura.

A castração, nesse momento do pensamento lacaniano, é tida como mais uma de uma série de fantasias de despedaçamento, que são muito precoces e estão ligadas ao fato de o ser humano ter na prematuridade uma de suas principais características. A fantasia de castração seria,

portanto, anterior até mesmo ao reconhecimento do corpo próprio e independente do sexo do sujeito. Para Lacan:

Ela representa a defesa que o eu narcísico, identificado a seu duplo especular, opõe à renovação de angústia que, no primeiro momento do Édipo, tende a abalá-lo: crise que não ocasiona tanto a irrupção do desejo genital no sujeito quanto o objeto que ele reatualiza, a saber, a mãe. (LACAN, 1938, p.51).

A solução do complexo, via identificação com o genitor do mesmo sexo, é então fundamental. Para Lacan, o Édipo se funda dentro de uma relatividade sociológica. A imago do pai concentra a função de recalque e de sublimação, mas como resultado de uma determinação social: a família paternalista.

Lacan diz que não é daqueles que se afligem com um suposto afrouxamento das relações familiares, mas é necessário perceber o declínio social da imago paterna e suas conseqüências para as subjetividades.

Miller reafirma, em 2006, num artigo intitulado *Leitura crítica dos “Complexos familiares” de Jacques Lacan*, a importância desse texto, embora não estivesse presente ainda a influência do estruturalismo de Jakobson e Lévi-Strauss. É um texto que já afirma o valor da cultura e no qual Lacan “isola a função paterna como exemplo mesmo de uma função não dedutível da natureza” (MILLER, 2006, p.5).

Outro ponto fundamental, ainda de acordo com Miller, é a oposição que *Os complexos familiares...* já apresenta à psicologia do ego, da escola americana. O eu não é o sujeito, e embora Lacan não defina o sujeito no texto, ele insiste na idéia de que o sujeito é sempre o sujeito dividido, o que permitirá que, mais tarde, a castração seja um conceito-chave, já que a castração nomeia a divisão do sujeito como algo insuperável.

Para Miller, se Lacan utiliza o termo fantasia de castração é por ainda não poder contar com o conceito de simbólico. A castração, então, é tomada no viés do imaginário, embora Lacan ainda não fale em registros. Haveria uma clivagem entre desejo e identificação, desejo pela mãe e identificação ao pai, sendo que a imago paterna teria a função de idealizar e de idealizante, preparando o terreno para o Nome-do-pai:

A função do pai é de fato repelida como estando inteiramente afastada, como estando fora da esfera fantasística dominada pela presença materna desde o desmame. O que virá a seguir, a posição excepcional do ponto de vista da presença do Nome-do-pai, já está anunciada nesse texto, uma vez que toda fantasística humana, até à castração, é tomada no parêntese materno. A função do pai aparece como sendo de uma ordem completamente diferente, embora Lacan ainda não disponha de outro termo senão o de *imago* para qualificá-lo. (MILLER, 2006, p. 9)

O uso do termo sublimação para falar do pai, de acordo com Miller, é antes um enigma. Mas o valor desse ensaio lacaniano, como já foi afirmado antes, se encontra no vislumbre que permitirá a Lacan criar o conceito de Nome-do-pai, de metáfora paterna, em que o pai recebe o status de função, como veremos a seguir.

3.2 – O conceito de metáfora paterna em Lacan

O pai para Freud tem uma importância fundamental. O declínio do Édipo se dá quando a criança se identifica com o pai. Para Lacan, não é diferente. Ele chama de Nome-do-pai⁴ o pai simbólico, o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei, que autoriza o texto da lei. Utilizaremos, com relação a isto, basicamente o Seminário IV, *A relação de objeto*, para compreendermos o pai nos três registros, imaginário, simbólico e real.

Segundo Lacan:

Para que haja alguma coisa que faz com que a lei seja fundada no pai, é preciso haver o assassinato do pai. As duas coisas estão estritamente ligadas – o pai como aquele que promulga a lei é o pai morto, isto é, o símbolo do pai. O pai morto é o Nome-do-pai que se constrói aí sobre o conteúdo. (LACAN, 1957, p.152).

⁴ De acordo como Roudinesco e Plon (1998), em seu vocabulário de psicanálise, o Nome-do-pai foi um termo criado em 1953 por Lacan, mas somente conceituado em 1956, e designa o significante da função paterna, sendo que o pai exerce uma função essencialmente simbólica que nomeia e, através deste ato, encarna a lei. “Função do pai”, “função do pai simbólico” ou “metáfora paterna” se referem ao Nome-do-pai. (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 541).

Para discutirmos os três tempos do Édipo como concebidos por Lacan, é importante esclarecer de qual pai se trata, quando se refere ao Nome-do-pai. O pai é o pai simbólico, o pai enquanto metáfora paterna. “Há propriamente, no que foi constituído por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo ou significante no lugar da mãe” (LACAN, 1957, p.186). Ou seja, é função do pai substituir, na cadeia significante, a mãe.

O pai simbólico é o pai morto, que funda a proibição na culpa dos filhos. Após a morte do pai da horda primitiva, no inconsciente de cada um a lei passa a ser referida a uma instância idealizada, ou melhor, a um puro significante. É porque existe um significante do Nome-do-pai que pode haver castração, ou seja, a operação que limita e ordena o desejo do sujeito.

Lacan refere-se aqui ao mito da horda primeva criado por Freud em *Totem e tabu*, segundo o qual, em um tempo mítico, haveria um pai tirano detentor de todas as mulheres. Um dia, os filhos se rebelam e matam o pai. Com a morte vem a culpa, pois o pai, odiado por ser um tirano, era também amado. Ergue-se, assim, o totem. E a lei, antes imposta de fora, passa a fazer parte de cada um. Mas Lacan marca também a existência do pai articulado aos outros dois registros, o real e o imaginário.

O pai real, conforme o *Seminário IV*, depende de que as instituições lhe confirmem seu nome de pai. Assim, para Lacan, o importante não é as pessoas saberem que só se engravida ao praticar o coito, mas sim que a mulher possa sancionar em um significante que aquele com quem ela praticou o coito é o pai. A ordem simbólica necessita que na cadeia significante algo funcione como Nome-do-pai.

Já o pai imaginário é aquele ao qual se atribui a privação da mãe, porque esta não possui o falo simbólico com o qual a criança havia se identificado. É por ter constatado a falta na mãe que surge na criança a questão sobre sua própria castração, enquanto que o pai real é aquele que permite que a criança tenha acesso ao desejo sexual, aquele que permite que o menino assuma sua posição viril.

Para Lacan (1957), no fim da fase pré-edipiana e início do Édipo:

Trata-se de que a criança assumo o falo como significante, e de uma maneira que faça dele instrumento da ordem simbólica das trocas, na medida em que ele preside à constituição das linhagens. Trata-se, em suma, de que ele se confronte com esta ordem que fará da função do pai o pivô do drama. (LACAN, 1957, p.204).

É importante ressaltar, neste momento, que Lacan (1957) se perguntou: Seria possível o Édipo se constituir mesmo com o pai ausente? E sua resposta foi sim, é perfeitamente possível que o Édipo se constitua, mesmo nessa situação. O pai pode estar presente mesmo quando não está, pois se trata da metáfora paterna, ou seja, de um significante que, articulado ao desejo da mãe, faz circular o sentido.

Não se trata, é claro, da figura paterna enquanto “presença paterna”, mas enquanto instância mediadora do desejo. De fato, a intrusão desta figura do pai introduzirá, na economia do desejo da criança, um certo modo de vetorização que é, propriamente dito, o que se designa como função fálica, com toda ressonância simbólica que supõe (DOR, 1993, pg. 27).

A primeira relação de realidade desenha-se entre a mãe e o filho. A criança depende, num primeiro momento, do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe. Acontece, aí, um processo de subjetivação, em que a criança instaura a mãe como aquele ser primordial que pode ou não estar presente. A partir daí, o desejo da criança é desejo do desejo da mãe. Aos poucos, a criança percebe que a mãe vive num mundo simbólico, num mundo falante. Abre-se uma outra dimensão, em que a mãe deseja Outra coisa que não satisfazer a criança. O objeto que a mãe deseja chama-se *falo*. Assim, o desejo do Outro, que é o desejo da mãe, comporta um para-além, somente atingido pela mediação do pai na ordem simbólica.

Para Ribeiro, a mãe é inicialmente simbólica por causa desta presença-ausência, que se articula no registro do apelo, significando que o objeto materno é chamado quando ausente e rejeitado quando presente. Assim, “o que se passa é que, quando essa mãe que vai e vem é vista como podendo ou não estar presente, o objeto, tido até então como o objeto real da necessidade, passa a ser objeto simbólico do dom” (RIBEIRO, 2006, p.92). Para Lacan “por trás da mãe simbólica está o pai simbólico”.(LACAN, 1957, p.225).

O pai, segundo Lacan, interdita a mãe. Este é o princípio do complexo de Édipo e o que liga o pai à lei primordial da proibição do incesto. É por seus efeitos no inconsciente que ele realiza esta interdição.

O pai real realiza a castração, cujo ato simbólico (falta simbólica), atinge um objeto imaginário. É uma intervenção real, no entanto, é um ato simbólico, pois, é muito raro que o

órgão seja realmente cortado. Aqui, tanto faz que esta ameaça tenha sido realizada pelo pai ou pela mãe. Para Freud (1916-1917), é improvável que as crianças sejam, de fato, ameaçadas de castração, se tratando, portanto, de uma fantasia primitiva.

O pai simbólico realiza a frustração cujo ato imaginário (falta imaginária) atinge um objeto real, neste caso, a mãe, pois é dela que a criança necessita. Aqui, o pai intervém como detentor de um direito e mesmo que esteja ausente, o resultado é idêntico. De acordo com Lacan (1957), o pai simbólico é uma necessidade da construção simbólica, que só pode ser situada num mais-além, sendo alcançado somente como construção mítica.

O pai imaginário realiza a privação cujo ato real (falta real), atinge um objeto simbólico. Neste momento, trata-se do pai que se faz preferir no lugar da mãe, levando a formação do ideal do eu, a identificação ao pai.

É na medida em que o pai se torna preferível à mãe que se estabelece a identificação final, portanto, é neste momento que se faz a diferença entre a vivência masculina e feminina do Édipo, inclusive em relação ao Édipo invertido.

Sendo o pai uma metáfora, sua função no complexo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. A mãe vai, a mãe vem. É porque a criança é um ser já tomado pelo simbólico, que ela pode sentir ou não sentir a presença materna. Se a mãe vai e vem, é porque a criança é um objeto parcial e o que a mãe deseja, que está além da criança, é o falo⁵. Lacan estabelece então, os três tempos do Édipo. No primeiro tempo, segundo ele, o que a criança busca é *to be or not to be* o objeto de desejo da mãe, ou seja, busca satisfazer a mãe. O sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto de desejo da mãe. A metáfora paterna age por si, pois a primazia do falo já está colocada, uma vez que a lei já está instaurada.

No segundo tempo, o pai se afirma como suporte da lei em sua presença privadora, portanto, não mais velada. É um momento mediado pela mãe, no sentido de que é ela quem instaura o pai

⁵ Segundo Roudinesco e Plon (1998) na maior parte das vezes, Freud usou o termo falo como sinônimo de pênis, embora o adjetivo fálico tenha ocupado um lugar privilegiado na teoria freudiana da libido única (masculina), na doutrina da teoria da sexualidade feminina e da diferença sexual, e na concepção dos diferentes estádios (oral, anal e fálico). Lacan, no entanto, afastando-se da concepção biológica da sexualidade, faz do falo o próprio significante do desejo. Revisando a teoria freudiana dos estádios, da sexualidade feminina e da diferença sexual, Lacan demonstrou que o complexo de Édipo ou de castração consiste numa dialética “hamletiana” do ser: ser ou não ser o falo, ter ou não ter o falo. (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 221).

no lugar daquele que lhe faz a lei. O caráter decisivo desta etapa diz respeito não ao pai, mas a palavra do pai.

Na terceira etapa, o pai pode dar a mãe o que ela deseja e pode dar porque possui. A saída do Édipo é marcada pelo pai que *tem*. A identificação com o possuidor do falo se chama ideal do eu. É a intervenção do pai real e potente. Intervindo como aquele que tem o falo, o pai é internalizado sob a forma do ideal do eu e ocorre o declínio do complexo.

Podemos dizer, então, que no primeiro tempo trata-se de ser o falo; no segundo tempo, da privação; no terceiro tempo, da identificação ao pai. Assim, no primeiro tempo, o falo é o objeto privilegiado do desejo materno por ser metonímico. Isso quer dizer que seu significado desliza, ele circula, como o anel no jogo de passar anel. Neste momento a criança é um *assujeito*, está assujeitada ao desejo da mãe.

No segundo tempo, o pai aparece como proibidor. Se no primeiro tempo, a criança absorve o discurso da mãe em estado bruto, neste momento ocorre a mediação da palavra do pai, a fala do pai intervém no discurso da mãe. O que ele enuncia é uma proibição, um não, que não é simplesmente o *Não te deitarás com tua mãe*, dirigido à criança, mas sim um *Não reintegrarás teu produto*, dirigido à mãe. A criança é então, desalojada da posição de objeto metonímico da mãe, por isso este é o momento da privação, que abre caminho para a terceira etapa. Identificando-se com o pai, no terceiro tempo, ocorre o declínio do complexo.

A presença da figura paterna na realidade do sujeito fica em segundo plano depois de introduzidas estas noções por Lacan. O importante então, é que o pai seja significado para a criança. “O que, para a criança, é estruturante, é que ela possa fantasmear um pai, isto é, elaborar a figura de um pai imaginário, a partir da qual ela investirá, ulteriormente, a dimensão de um pai simbólico”. (DOR,1993, pg.29).

Vimos neste capítulo que o pai exerce um papel fundamental, mas não o pai da realidade e sim sua palavra. Mesmo ausente, é importante que o pai marque sua presença no discurso da mãe. Trata-se, portanto, dos efeitos inconscientes do falo, falo enquanto símbolo de uma ausência. A instância paterna, ao promover a identificação, instaura a lei para a psicanálise.

4 - A INSTÂNCIA PATERNA NA SOCIEDADE

“Exceto por mim, é claro, baba moldou o mundo à sua volta do jeito que quis. O único problema é que o mundo, para ele, era pão, pão, queijo, queijo. E precisava decidir o que era pão e o que era queijo. Não se pode amar alguém assim sem ter medo dele também. E talvez até um pouco de ódio”.
O caçador de pipas

4.1 – Pai e cultura

Neste capítulo, iremos retomar alguns textos que tratam do papel do pai na sociedade e sua modificação através dos tempos. Como vimos em Lacan, é importante levar em consideração a cultura, ou seja, o meio social. De acordo com Miller, ao comentar o texto de Lacan sobre os complexos familiares, “O social é diferente do estritamente familiar, do estritamente natural. E, para passar ao homem, ele o caracteriza, desde o começo, pelo desenvolvimento das relações sociais” (MILLER, 2006, p.2).

Portanto, entender a sociedade é fundamental para se construir um saber acerca do sujeito. Tanto Freud quanto Lacan se apropriaram do saber de outras áreas de conhecimento, sustentando assim a teoria. Nesse sentido, recorrer aos textos sociais é uma tentativa de apreender as mudanças ocorridas na função paterna. Esta é a pretensão deste capítulo.

Nas sociedades arcaicas, segundo Enriquez (2001), os governantes não eram separados dos governados, embora todos estivessem submetidos a uma lei exterior, pronunciada pelos ancestrais e que garantia a estabilidade da tribo. É uma democracia de adultos machos que exerciam a dominação das mulheres e crianças.

A sociedade grega tem uma diferença fundamental em relação à arcaica: o pensamento. Os gregos pensaram o seu funcionamento, enquanto a arcaica simplesmente vivia. Em comum, essas sociedades tinham o “face a face”, ou seja, o povo podia se reunir; elas excluía certos indivíduos (como as mulheres e os escravos); e eram sociedades guerreiras.

Já o Antigo Regime, na França, tinha na figura do Rei uma unidade social encarnada não no indivíduo, mas na linhagem. Emergiu o Estado moderno, “onde o poder legítimo, garantido por uma ordem transcendente, se quer e se proclama absoluto” (ENRIQUEZ, 2001, p.127).

Mas a passagem que mais nos interessa ocorre com a Revolução Francesa:

A Revolução vai, por um lado, levar a termo o movimento de emergência do Estado, como instância separada; por outro lado, vai instaurar uma nova ordem, através de um ato que abala as fundações real e mística das nações: a morte do rei. Procedendo à execução de Luís XVI, os revolucionários não estão abatendo nem uma pessoa nem mesmo um símbolo. Eles edificam, pela primeira vez na história das grandes nações, uma sociedade sem um sustentáculo transcendente: uma sociedade da imanência. (ENRIQUEZ, 2001, p.127).

Um assassinato inaugura os tempos modernos e, por meio deste, os revolucionários acreditaram estabelecer um pacto social sem necessidade de ser ou se crer descendentes de um pai sagrado. Sob as luzes da Razão, acreditaram ser livres e iguais, pelo laço fraterno (Igualdade, Liberdade, Fraternidade). De alguma forma, realizaram por meio da associação com os irmãos a destruição do onipotente descrita por Freud em *Totem e tabu*. A diferença, de acordo com Enriquez, é que não há idealização do pai morto e, em seu lugar, são forjadas as instituições, os novos “sagrados”: a Nação e seu funcionamento como Estado, e a Razão, cujo campo de aplicação imediata seria a economia e sua mola, o dinheiro.

[...] os homens terão o sentimento de se situar na imanência, em outras palavras, de ser capazes de inventar novas formas de sociabilidade e de vida, seguindo somente sua vontade, somente seu desejo de serem capazes de decidir, todos juntos e a cada momento, as orientações que serão dadas às suas instituições. Eles pensarão ter substituído a dominação real pelo contrato social, a autoridade despótica pelo governo democrático. É só bem mais tarde que vão começar a se dar conta da tirania que esses fetiches, o dinheiro e o Estado, nos quais eles colocaram toda a sua alma, podem exercer sobre eles. (ENRIQUEZ, 2001, p.128)

A partir do momento que as hierarquias instituídas se desagregam e as ordens sociais desaparecem, surgem, segundo Enriquez, não os sujeitos autônomos, mas a competição econômica sem freios. O que nos interessa nesta análise são os efeitos causados pela “morte do

rei”. Historicamente, é possível situar no momento da Revolução Francesa a destituição da figura paterna, o declínio do pai.

Julien (2004) afirma que é necessário levar em conta as diferenças entre as concepções antigas e modernas da família para compreender as profundas modificações que ocorreram nessa instituição. Essa passagem não deixa de ter seus efeitos.

Antes, a comunidade celebrava os três acontecimentos mais essenciais da vida humana: o nascimento do filho, o casamento e a morte do pai. Com o advento da modernidade, passamos da comunidade à sociedade. Nas sociedades patriarcais, havia uma hierarquia bem marcada entre o pai e os outros membros da família. O casamento, por exemplo, dependia do acordo entre dois pais, um dando e o outro recebendo uma filha, disto dependia o futuro do patrimônio: “O que o pai recebeu de seu próprio pai deve, por sua vez, ser transmitido a seu filho” (JULIEN, 2004, p. 11).

Na modernidade, ocorre, como vimos, o declínio dessa imagem social do pai. Uma das conseqüências, segundo Julien, é a disjunção entre conjugalidade e parentalidade, os representantes da sociedade intervindo cada vez mais nas relações entre pais e filhos, o que Decourt nomeou como uma verdadeira “terceirização da função paterna”.

Para Decourt (2004), a expressão “terceirização da função paterna” significa que a família contemporânea, ao não assumir a socialização primária dos filhos, não se responsabiliza pela castração destes.

Isto gera, ainda de acordo com Decourt, a desvitalização do pai de família, em conseqüência da indissociabilidade entre as funções conjugais. A importância do pai passaria, portanto, a estar mais ligada a sua função (simbólica) e não necessariamente a sua presença (imaginária).

A partir da modernidade, o pai de família muda de posição. Ele passa a ser definido em função dos papéis a cumprir e tarefas a realizar. Não é nada difícil perceber a fragilidade que esta definição comporta, à medida que uma função é algo que pode ser, facilmente, desempenhado por quaisquer outros igualmente capazes. O pai da modernidade parece poder prescindir definitivamente de sua condição de soberania, de exceção, para ficar reduzido a uma função. Com Lacan, diríamos que esta redução fez do pai uma metáfora. (DECOURT, 2004, p.91)

Para Felix (1998), o que Lacan quis demonstrar com *O mito individual do neurótico* é que, por termos reduzido em nossa cultura o sujeito ao indivíduo, através da aniquilação dos ritos de passagem da vida nuclear à social, nós aprisionamos o sujeito numa estrutura mítica que o impede de ascender à posição de sujeito.

A noção de indivíduo está ligada aos ideais da Revolução Francesa, ideais de igualdade e fraternidade. Já a noção de sujeito, para a psicanálise, como lembra Decourt, “traz em si a idéia de sujeição, de assujeitamento, ou seja, este conceito é atravessado pela idéia de subordinação à determinação inconsciente”. (DECOURT, 2004, p.39)

A conseqüência disso, de acordo com Felix, é que a função paterna fica restrita à interdição, mudança ocorrida desde o deslocamento da concepção de visão de mundo cosmológica para uma visão de mundo antropológica, que atinge o máximo de seu desenvolvimento numa visão individualista.

Ainda segundo a autora, é com o judaísmo que a paternidade fica referida e encarnada numa pessoa. Nas sociedades arcaicas, a ignorância sobre a concepção gerava explicações sobrenaturais e naturais, sendo que os laços se realizavam por adoção. O indivíduo nas sociedades tribais não pertence aos pais, mas ao grupo. A função de interdição nessas sociedades é realizada por um Outro não encarnado, mas, com o surgimento do judaísmo, a paternidade passa a ser encarnada numa pessoa.

Com o advento do Cristianismo, tal situação se consolida:

Somente com o surgimento do judaísmo, onde houve um rechaço de todo esse saber de ordem sexual que fundia poderes naturais com os sobrenaturais, é que a paternidade passa a ser encarnada em uma pessoa. No entanto, o indivíduo, apesar de estar vinculado diretamente a um pai identificado e nomeado, mantém sua relação com o grupo. Isso é sustentado através da herança, ou seja, o indivíduo que recebe um nome é encarregado de sua transmissão, da mesma forma que deve manter as tradições de seu povo. Aqui já há uma mudança considerável de registro: entra-se no registro antropológico; começa a se esboçar o campo do indivíduo, o Outro encontra uma encarnação, um nome, apesar de ainda manter um vínculo forte com a história de um povo. (FELIX, 1998, p.33).

A partir daí, vemos que são abolidos todos os laços que não sejam de indivíduo a indivíduo; não há mais um nome a ser transmitido, nem a pertença a uma raça. Ser cristão é uma opção individual, e a paternidade fica de vez vinculada a uma pessoa individual. Não há herança,

cada um deve buscar seu pleno desenvolvimento para alçar ao reino de Deus. Nessa configuração, a religião e, por conseguinte, a própria paternidade não ocupam a posição que sempre detiveram, isto é, de unir o indivíduo ao social; esse laço é definitivamente rompido.

Inaugura-se uma nova época, em que o indivíduo fica unido ao casal parental; sua participação no grupo, reduzida à família nuclear. Mas o declínio da imagem social do pai traz conseqüências para a subjetividade dos sujeitos.

Como articular o pai à Lei e o que esperar desse novo pai? Quais as principais conseqüências dessa nova configuração para a transmissão da Lei pelo pai? Estas são algumas questões que discutiremos a seguir.

4.2 – O pai e o superego

Antes de prosseguirmos, faz-se necessário retomar os principais pontos discutidos até o momento. Vimos que nas três versões freudianas sobre o pai, o *Édipo*, *Totem e tabu* e *Moisés*, o pai termina sendo morto pelo ou pelos filhos.

Ao retomarmos o texto freudiano sobre *Inibição, sintoma e angústia*, nos deparamos com a relação do pai com a fobia e percebemos que seu pano de fundo é a angústia de castração. A princípio, poderíamos pensar que a necessidade de matar o pai e a angústia de castração estão profundamente ligadas. Portanto, matar o pai, mais que simplesmente eliminar um rival, seria a possibilidade de assumir, num tempo futuro, a posição paterna. Ao mesmo tempo, por desejar a morte do pai, o sujeito corre um risco: o risco da castração.

Para compreendermos a relevância da posição paterna enquanto representante da lei, veremos a posição de Zizek e outros contemporâneos. A eliminação do pai, que tem como saldo o superego, conecta o pai à lei. Antes disso, porém, veremos o papel fundamental do processo de identificação em Freud, assim como sua relação com o narcisismo e a castração.

4.2.1 - A identificação em Freud e sua relação com o superego

Vimos no primeiro capítulo que, em 1924, no artigo *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud diz que, no menino, as catexias objetais seriam abandonadas em favor de identificações, preservando assim o narcisismo, resultando daí o declínio do Édipo. Portanto, o medo da castração e o narcisismo contribuiriam para um desfecho positivo no Édipo, ou seja, que o processo tivesse como saldo a identificação do menino com o pai.

No entanto, a identificação não é um processo tão simples como pode parecer. Ela envolve correntes afetivas contrárias, e o caráter de ambivalência que está presente desde o início, como assinalou Freud, faz com que esse processo seja marcado por algumas dificuldades.

Na constituição do supereu e, conseqüentemente, na dissolução do Édipo, os termos identificação, castração e narcisismo se relacionam. Para melhor compreender essa relação, tomemos agora como objeto de estudo o termo “narcisismo”. Em 1914, no artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud esclarece que toma esse termo emprestado de um outro autor e que o narcisismo serve para descrever como uma pessoa pode tratar seu corpo como se fosse o corpo de um objeto sexual, contemplando, afagando e acariciando até obter prazer.

No artigo, Freud irá fazer algumas discussões importantes, como, por exemplo, a distinção entre narcisismo primário e secundário, a distinção entre libido do eu e do objeto, sendo que nos interessa, aqui, a discussão sobre o ideal do eu. Para Garcia-Roza (2002), embora Freud introduza num mesmo capítulo os termos eu ideal e ideal do eu, não há confusão sobre a especificidade de cada um deles, embora o tradutor da obra tenha considerado o uso dos dois termos um erro de inversão por parte de Freud, como se os termos fossem equivalentes.

A primeira distinção trabalhada por Freud é entre o narcisismo primário e secundário. O auto-erotismo, presente desde o início, antes mesmo de haver um eu unificado, é anterior ao narcisismo:

O eu é constituído também pelas enunciações, pelos juízos de valor, pelas declarações de preferência ou de rejeição. Uma particular forma que o eu toma é a do eu ideal (*ideal ich*), imagem do eu dotada de todas as perfeições, sobre o qual recai, como diz Freud, o amor de si mesmo, de que na infância gozou o eu real (*das wirkliche ich*). Há, portanto, um Ur ich, um eu original, primitivo, pela imagem refletida que o indivíduo tem de seu próprio corpo, e um eu ideal que vem a ser a imagem idealizada do eu. (GARCIA-ROZA, 2002, p.57).

A imagem seria, então, de acordo com Garcia-Roza, construída pelos pais, que projetam nos filhos o narcisismo que abandonaram e a criança passa a ter direito a tudo a que os pais tiveram que renunciar. O eu ideal seria então, inicialmente, efeito do discurso dos pais. Importante acrescentar que o ideal do eu não substitui o eu ideal, este permanece na vida adulta, embora transformado.

O ideal do eu, segundo a leitura de Garcia-Roza, “é algo externo ao sujeito, exigências que ele terá que satisfazer e que se situam no lugar da lei” (GARCIA-ROZA, 2002, p.58). Com as contribuições de Lacan, uma das diferenças possíveis seria a de relacionar o eu ideal com o registro imaginário e o ideal do eu com o registro simbólico:

Há um primeiro narcisismo que se relaciona à imagem corporal e um segundo narcisismo que implica a relação ao outro. No primeiro caso, há uma identificação à imagem unificada do próprio corpo e dá lugar ao eu ideal; no segundo caso, há uma identificação ao outro e dá lugar ao ideal do eu. Enquanto o primeiro narcisismo se dá no plano do imaginário, o segundo narcisismo é marcado pelo simbólico. A formulação de Lacan tem a vantagem de articular de modo coerente narcisismo primário e narcisismo secundário, identificação narcísica primária e identificação narcísica secundária e ainda eu ideal e ideal do eu. (GARCIA-ROZA, 2002, p. 66).

Assim, o ideal do eu seria constituído por exigências externas ao indivíduo, por imperativos éticos transmitidos pelos pais e veiculados pela linguagem, fazendo com que o simbólico prevaleça sobre o imaginário (GARCIA-ROZA, 2002, p.69).

Gomes (2002) considera que as formulações sobre a censura avançam no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, mas Freud não distingue as expressões ideal do eu, eu ideal e agente psíquico especial.

Em 1923, com a publicação de *O ego e o id*, Freud faz equivaler as expressões “ideal do eu” e “superego”.⁶ Essa passagem tem início já em 1921, com o artigo *Psicologia de grupo e análise do ego*, no qual o superego e o conceito de identificação se relacionam de forma mais clara.

Tomemos, portanto, o conceito de identificação em Freud. As primeiras alusões de Freud acerca da identificação remontam ao início de sua obra, demonstrando, assim, que seu estudo é

⁶ Optamos por manter a nomenclatura utilizada na versão brasileira das obras de Freud, que utiliza os termos ego, superego e id, em contraposição às formas eu, superego e isso.

fundamental para a psicanálise. No rascunho L, de 2 de maio de 1897, Freud relatou um caso de uma moça que se recusava a colher qualquer planta, e relacionou esta estranha atitude ao fato de que a mãe da jovem sempre citava provérbios religiosos envolvendo o coito com as “sementinhas”, e daí o medo de colher até mesmo uma simples flor. Freud disse, então, que a moça se *identificava* com a mãe. No Rascunho N, do mesmo ano, a identificação aparece como um mecanismo ligado aos estados de luto e melancolia, sendo que essa relação será tratada mais tarde por Freud, no artigo intitulado *Luto e melancolia*.

Quanto à relação entre os estados de luto e melancolia com a identificação, em 1897, no Rascunho N, Freud trata a identificação como uma modalidade de pensar. Assim, o desejo de que os pais morram poderia se manifestar como estado melancólico (recriminação a si próprio) ou, ainda, como a manifestação da doença destes (punir-se de maneira histérica). Mas o motivo para que isto ocorra ainda é considerado obscuro.

É interessante notar que, desde os primórdios, numa época em que a psicanálise ainda estava nascendo, as questões referentes à identificação já se faziam presentes no pensamento de Freud. Ainda não havia nada claro em relação a esse assunto, tudo era muito obscuro. Mas, mesmo sem uma definição precisa do termo, o que chama a atenção é que identificação e histeria já se encontravam relacionadas. É assim que, na carta 125, de 1899, Freud utiliza o termo ao se referir à histeria, considerando como fenômeno histórico *a identificação ao objeto amado*.

Em 1900, Freud cita um sonho na obra *A interpretação dos sonhos*, e ao analisá-lo afirma que “a identificação é um fator altamente importante no mecanismo dos sintomas histéricos” (FREUD, 1900, p.163). Ele diferencia, nesse momento, identificação, que seria um conceito mais amplo, de imitação histérica. Segundo ele, a identificação é um quadro mais complicado, pois “consiste na feitura inconsciente de uma inferência” (FREUD, 1900, p.164). Essa afirmação é fundamental, pois a palavra identificação pode gerar algum tipo de equívoco. Já em 1900, o que Freud faz é deixar claro que a identificação é um processo inconsciente:

Assim, a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permaneceu no inconsciente. (FREUD, 1990, p.164).

Enfim, o importante é perceber que, de 1897 a 1900, em um período de três anos, no início da construção da teoria psicanalítica por Freud, este já se questionava sobre o sentido da identificação e sua relação com a histeria. Somente mais tarde, Freud percebe que a identificação está presente na vida de todos os seres humanos desde o início de seu desenvolvimento. Ou seja, a identificação não é um mecanismo exclusivo da histeria.

Assim, em 1897, a identificação se relacionava basicamente com os conceitos de histeria, e de luto e melancolia. Mas, à medida que a obra de Freud vinha sendo escrita e impasses iam se colocando, o conceito de identificação crescia, tanto em complexidade, quanto em importância.

Em 1917, Freud publica *Luto e melancolia*, e retoma alguns pontos sobre os quais já havia discutido anteriormente no Rascunho N acerca desses estados. Em 1897, porém, apesar de Freud reconhecer a identificação como um mecanismo presente no estado denominado de melancolia, seu papel ainda não era claro. Segundo ele, era preciso procurar “o motivo”, ou seja, compreender porque em um estado melancólico a identificação se fazia presente.

Primeiramente, Freud diferencia o luto, que seria um estado normal, reativo à perda de alguém muito estimado, do estado de melancolia, que possui o caráter patológico. O luto pode ser superado depois de um período de tempo, sem que precise haver interferência de médico ou de qualquer outra pessoa. O mesmo não acontece com a melancolia.

Para Freud, existem alguns traços comuns entre os dois estados, como o desânimo, a perda da capacidade de amar, a cessação de interesse pelo mundo externo, a inibição das atividades. O traço particular que diferencia a melancolia do luto seria a perda da auto-estima, com auto-recriminação e auto-envilecimento.

O trabalho realizado pelo luto consiste em fazer com que o sujeito consiga retirar a libido de suas ligações com o objeto, objeto este que a realidade aponta que já não existe mais. Assim, passo a passo, com grande dispêndio de tempo e energia catexial, o sujeito consegue abandonar essa posição libidinal.

Quanto à melancolia, o objeto pode realmente ter deixado de existir, ou o que ocorre é uma perda de natureza mais ideal. “O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor”. (FREUD, 1990, p.277). Os desinteresses, a incapacidade de amar, a perda da auto-estima, são secundários, pois se trata de um efeito de um trabalho interno. Diz Freud que, se o melancólico perdeu seu amor próprio, é porque deve ter tido boas razões para tanto.

De acordo com ele: “A analogia com o luto nos levou a concluir que ele sofrera uma perda relativa ao objeto, o que o paciente nos diz aponta para uma perda relativa a seu ego” (FREUD, 1917, p.279). Assim, é como se o ego tomasse uma parte de si próprio como objeto (Freud nomeará mais tarde a instância crítica do ego com o nome de superego).

Outra observação efetuada por Freud é a de que, se déssemos atenção às auto-recriminações do paciente, perceberíamos que, com pequenas modificações, essas recriminações poderiam ser feitas a alguém que o paciente ama, amou ou deveria amar. De acordo com Freud, esta é a chave do quadro clínico: “[...] percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente” (FREUD, 1990, p.280).

É a partir daí que Freud reconstrói o processo e atribui um sentido à identificação dentro do quadro da melancolia:

Existem, num dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destroçada. O resultado não foi o normal - uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo -, mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem ser necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetal se transforma numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação. (FREUD, 1990, p.281)

A partir dessas conclusões, Freud afirma que a identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, em que o ego procura incorporar o objeto. A identificação, aqui, se encontra relacionada com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento.

A partir daí, Freud começa a discutir o papel da ambivalência nos estados melancólicos. No caso da identificação narcisista, o amor pelo objeto não é renunciado, embora o próprio objeto o seja, e ódio entra em cena, criticando e abusando desse objeto substituto. É como se o sujeito conseguisse, por um caminho indireto, vingar-se do objeto original, com o qual manteve uma ligação.

Em 1921, ao escrever *A psicologia de grupo e análise do ego*, Freud dedica o capítulo VII à discussão do termo identificação. É nesse capítulo que Freud descreve os três tipos de identificação: a identificação primária, a identificação parcial e a identificação pelo sintoma.

A identificação é colocada em primeiro plano e ganha complexidade. Quando Freud diz que “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1990, p.133), o que realmente significa isto?

Ele justifica essa frase afirmando que a identificação ajuda a preparar o caminho para o complexo de Édipo, e exemplifica dizendo que um menino gostaria de crescer como o pai, toma o pai como ideal, ou seja, gostaria de *ser* como o pai. Com o passar do tempo, o menino desenvolve uma catexia de objeto sexual em direção à mãe, e a mãe se torna o objeto que o menino quer *ter*. Identificação, então, é o que se gostaria de *ser*, e objeto, o que se gostaria de *ter*.

Segundo Freud, é da confluência entre essas duas posições que vai surgir o complexo de Édipo, em que a identificação do menino com o pai acaba por assumir um colorido hostil. O menino, então, se identifica com o desejo de substituir o pai em relação à mãe. “A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém” (FREUD, 1990, p.133).

A distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto, no caso de homossexualismo, reside na diferenciação entre o *ser* e o *ter*. Se o menino se identifica com o pai, é porque ele gostaria de *ser* como o pai, o laço se liga ao sujeito. Se o menino toma o pai como objeto, é porque ele gostaria de *ter* o pai, o laço se liga ao objeto do ego.

A identificação é, assim, a mais remota expressão de um laço emocional, simplesmente porque ela já é possível sem que o sujeito reconheça o objeto. Essa identificação anterior à escolha objetal e ao reconhecimento do objeto foi denominada por Freud identificação primária.

Prosseguindo, ele exemplifica a estruturação de um sintoma neurótico numa mulher:

Suponhamos que uma menininha (e, no momento, nos ateremos a ela) desenvolva o mesmo penoso sintoma que sua mãe, a mesma tosse atormentadora, por exemplo. Isso pode ocorrer de diversas maneiras. A identificação pode provir do complexo de Édipo; nesse caso, significa um desejo hostil, por parte da menina, de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa seu amor objetal pelo pai, ocasionando realização sob a influência do sentimento de culpa, de seu desejo de assumir o lugar da mãe: “Você queria ser sua mãe e agora você a é - pelo menos, no que concerne a seus sofrimentos”. Esse é o mecanismo completo da estrutura de um sintoma histérico. Ou, por outro lado, o sintoma pode ser o mesmo da pessoa que é amada; assim, por exemplo, Dora imitava a tosse do pai. Nesse

caso, só podemos descrever o estado de coisas dizendo que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação (FREUD, 1990, p.134).

Esse exemplo descreve o que Freud chama de identificação parcial, pela qual o ego copia um traço isolado da pessoa que é objeto dela, chamando atenção ao fato de que às vezes o ego copia o objeto amado, e outras, o objeto odiado.

Quanto à identificação pelo sintoma, seu mecanismo é outro. Ele se baseia na possibilidade e no desejo de um sujeito se colocar na mesma posição que outro, mesmo não havendo uma relação de objeto. Ou seja, aqui o objeto é indiferente, não é necessariamente alguém amado ou odiado. A identificação pelo sintoma é construída sobre um ponto de coincidência entre dois egos.

De acordo com Freud, as três formas de identificação podem ser assim resumidas: na primeira, a identificação se constitui como a forma original de laço emocional com o objeto; na segunda, por meio da introjeção do objeto no ego, este consegue manter o objeto com o qual existe uma ligação libidinal; na terceira, apesar da outra pessoa não ser objeto da pulsão sexual, existe uma qualidade comum partilhada com esse ego.

No texto *O ego e o id*, de 1923, Freud volta a falar de identificação e faz uma importante observação. Ao descrever o desfecho do complexo de Édipo no menino, ele diz que a primeira e mais importante identificação é feita com *os pais*, pois antes do reconhecimento da diferença entre os sexos não há distinção entre o pai e a mãe. No caso do menino, então, é num momento posterior à aquisição da identificação primária que ele vai dirigir uma catexia objetual em relação à mãe, a mãe passa a ser o objeto desejado, e o pai, o sujeito com o qual se identifica. Esses dois relacionamentos avançam lado a lado, e é somente num segundo momento que os desejos sexuais do menino se tornam mais intensos e o pai passa a ser o rival. O caráter ambivalente da identificação se intensifica e ganha um colorido hostil. Quanto à menina, Freud diz que o que ocorre é uma intensificação de sua identificação com a mãe ou, pela primeira vez, a instalação dessa identificação. Esse comentário, em pé de página, ao invés de esclarecer, aparece sem mais nenhuma explicação posterior e nos coloca mais problemas quanto à complexidade do conceito de identificação.

O superego, além de um resíduo das primitivas escolhas objetuais do id, também representaria, de acordo com Freud, uma formação reativa enérgica contra essas escolhas.

A sua relação com ego não se exaure com o preceito: “Você deveria ser assim (como o seu pai)”. Ela também compreende a proibição: “Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele”. (FREUD, 1990, p.49).

O aspecto duplo do ideal do ego teria a missão de reprimir o complexo de Édipo. Sendo o pai o principal obstáculo para a realização dos desejos infantis edípianos, é dele que o menino tira a força necessária para erguer internamente os obstáculos dentro de si próprio. O superego, assim, reteria este caráter do pai.

Já na Conferência XXXI, de 1933, Freud se refere à identificação reafirmando sua importância nos casos de melancolia e sua diferença da escolha objetal (ser e ter). Ele relaciona identificação ao complexo de Édipo, afirmando que o superego é o herdeiro dessa vinculação afetiva. Freud fala, então, de intensificação de identificações. “Identificações deste tipo, cristalização de catexias objetais a que se renunciou, repetir-se-ão muitas vezes, posteriormente, na vida da criança” (FREUD, 1990, p.83).

Em um artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, denominado *O superego pós-moderno*, S. Zizek (1999) reflete sobre qual superego está presente nos tempos atuais. Segundo ele, na sociedade atual, desprendida da tradição e do castigo moral, a submissão se torna prazer e o gozo⁷ transforma-se em dever.

Zizek ilustra seu discurso, ao comentar sobre o fenômeno das “*rule girls*” (garotas que seguem regras), mulheres heterossexuais que seguem regras precisas sobre como se deixar seduzir (por exemplo, só aceitar um encontro quando marcado com três dias de antecedência). Não se trata de um retorno ao conservadorismo, pois agora as mulheres escolhem livremente quais regras desejam seguir. Seria o processo de “reflexivização” presente na moderna Sociedade de Risco⁸.

⁷ Conceito de Lacan que diz respeito ao sujeito falante e sua relação com o desejo. Por falar, o sujeito tem sempre uma relação não imediata com o objeto, refere-se ao desejo e opõe-se ao prazer. Lacan desloca a perspectiva filosófica, que propõe para o sujeito um ideal a atingir, o do gozo da perfeição da totalidade do Ser, para uma perspectiva onde o sujeito não é uma essência, mas um lugar. (CHEMAMA, 1995, p. 90).

⁸ Teoria, segundo Zizek, no artigo citado, formulada por Anthony Giddens, Ulrich Beck e outros, segundo a qual nossa vida não é vivida em função da natureza ou tradição, não existe código ou ordem simbólica de ficções aceitas para nos orientar em nosso comportamento social.

A reflexividade faz com que até o fato de se pertencer a determinada etnia seja vivenciado como opção. Tudo passa a ser decisão pessoal. Isto gera um racismo e traz conseqüências para a psicanálise, onde o paciente “instruído” fabrica sintomas para seu analista.

O filósofo cita, ainda, o autor de um livro *best-seller* chamado *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*, em que propõe que a pessoa possa recordar o evento traumático que lhe ocorreu, para, em seguida, com orientação de um terapeuta, reescrever a cena. Zizek critica essa prática, lembrando que existe uma versão politicamente correta desse procedimento, em que minorias são incentivadas a reescrever seu passado num tom mais positivo.

Então, ele ironiza: imagine o decálogo sendo reescrito nessa linha: um mandamento é rigoroso demais, só precisamos regredir até o Monte Sinai e reescrevê-lo. Assim:

O que desaparece não é o fato em si, nu e cru, mas a realidade de um encontro traumático, cujo papel organizador na economia psíquica do sujeito resiste a sua reescrita simbólica. Em nossa sociedade liberal-permissiva, pós-política, os direitos humanos podem ser vistos como direito de violar os Dez Mandamentos. (ZIZEK,1999).

Há, portanto, uma tensão entre direitos e proibições. A psicanálise pode, assim, ajudar a compreender os efeitos da reflexivização, ao tratar das conseqüências inesperadas da desintegração das estruturas que tradicionalmente regeram e regem a vida da libido. O declínio da autoridade paterna e dos papéis sociais, de acordo com Zizek, gera novas culpas e ansiedades.

Numa sociedade permissiva, o pai autoritário cede espaço ao pai obscuro que impõe o gozo como obrigação. Como foi realçado diversas vezes por Lacan, o que o superego diz é: “Desfrute”. Exemplo: um pai trabalha duro para organizar um passeio que é desmarcado inúmeras vezes. Quando este finalmente se realiza, ele diz aos filhos: “Agora é bom vocês aproveitarem”. O superego opera diferentemente da lei simbólica, oferecendo uma livre escolha, quando, na realidade, esta não existe. O superego manda sentir prazer naquilo que se é obrigado a fazer.

Kant, segundo Zizek, formulou o imperativo categórico em termos de “você pode cumprir seu dever porque tem que cumpri-lo”. O superego inverte para “você deve, porque pode”. O sujeito passa a ter obrigação de ser feliz, de se divertir, sentindo culpa quando está triste. O

superego controla a zona na qual esses dois opostos se sobrepõem, na qual a ordem de sentir prazer em cumprir seu dever coincide com o dever de sentir prazer.

O que podemos perceber, neste capítulo, é que a articulação entre pai e superego sofre as conseqüências da época em que está inserida, determinando as relações que se estabelecem. Por isso, é possível Zizek realizar uma discussão do superego no contemporâneo. Se o superego é o herdeiro do Édipo, instância moral por excelência, percebemos com este filósofo que, na atualidade, o que prevalece é a ética do imperativo do gozo. “Desfrute”, ou seja, “goze”, são ordens que nos chegam nos dias atuais, um tipo de fenômeno encontrado, por exemplo, no consumismo exagerado, que mata o desejo ao impor o gozo. Como articular, então, o desejo com a Lei?

4.2.2 - O desejo do pai: do pai à Lei

Iniciaremos, agora, a discussão sobre o pai enquanto Lei. A função do pai tem um lugar privilegiado na psicanálise. Para Lacan, o que o inconsciente revela no princípio é o complexo de Édipo, é a amnésia infantil que incide sobre a existência de desejos infantis pela mãe e sobre o fato desses desejos serem recalçados e, além disso, de serem primordiais. Falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai. Isto é o que permite a Lacan dizer “[...] complexo de Édipo, ou lei do Édipo, ou lei da proibição da mãe” (LACAN, 1957, p.153). Portanto, a lei para a psicanálise está intrinsecamente ligada ao Édipo, é aquilo que se articula no nível do significante.

François Regnault (2002) discute a Lei para a psicanálise, diferenciando esta das leis positivas. Citando Kafka, diz que é a Lei que constitui o culpado, e não o culpado por tal ou qual transgressão que causa o surgimento da Lei. Portanto, a perspectiva da psicanálise com relação à Lei é inversora, não é porque há faltas ou crimes que há Lei, mas é a interdição que engendra a falta suscitada pelo desejo de transgredi-la.

Cita, ainda, Freud, no texto intitulado *A dissecação da personalidade psíquica* (Conferência XXXI das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*), em que o autor discute o superego. Ali, essa instância é descrita como aquela que não permite que o sujeito possa fazer algo que proporcione prazer, ou, ainda, como aquela que pune o sujeito com censuras

dolorosas, se este cede a um prazer excessivo. Na melancolia, o supereu é descrito de forma ainda mais rigorosa, prometendo castigos, insultando, maltratando e humilhando o pobre eu. A moralidade sofre um excesso.

Na fase maníaca, toda moral se esvaece e o sujeito se permite à satisfação de todos apetites, sendo esta constatação que leva Freud a questionar a universalidade da lei moral em Kant. O maníaco faz muito pouco caso da lei moral. Então, Regnault questiona: será que a Lei tem a mesma estrutura, a mesma lógica, corresponde à mesma instância que as leis, as leis positivas? Em outras palavras o fora-da-lei está fora das leis, mas e seu supereu?

O autor lança a hipótese de que as leis positivas supõem a ordem simbólica, não podendo ser deduzidas. Esclarece, então, a diferença fundamental entre leis positivas e a Lei do pai:

Se toda interdição é, certamente, ao mesmo tempo individual e coletiva, uma leitura rápida do primeiro Lacan poderia fazer crer que o mesmo ocorre com a lei; mas a Lei do Pai, que dará lugar ao Nome-do-pai e que satura perfeitamente as funções freudianas do supereu, supõe uma estrutura geral da teoria do sujeito, que, conseqüentemente, comandará a clínica lacaniana (e, primeiramente, a da psicose). A Lei do Pai não ajuda muito quando se trata de abordar as leis particulares dos Estados. (REGNAULT, 2002, p.103)

Regnault (2002) comenta, então, o artigo de Lacan sobre a criminologia, no qual este diz que “Nenhuma forma de supereu, portanto, é passível de ser inferida do indivíduo para uma dada sociedade” (1998, p.138). Para Regnault, Lacan avança nesse artigo acerca do que Freud já havia dito em *Totem e tabu*, texto em que, segundo Lacan, com a Lei e o crime, começa o homem. Para Freud, o crime primordial está na origem da Lei universal, ou seja, o crime precede a Lei, o que prova que na estrutura é o inverso.

Nesse momento, há uma afirmação da ordem simbólica, embora as leis positivas não possam ser reduzidas simplesmente à inscrição do sujeito no simbólico. Lacan distingue três registros: real, simbólico e imaginário. O simbólico é uma função complexa e latente que envolve toda atividade humana, comportando uma parte consciente e outra inconsciente, ligadas à função da linguagem e, mais especialmente, à do significante. Ou seja, as leis positivas parecem ser de outra ordem que aquela do supereu.

A Lei é a mesma da cadeia significante. A primeira Lei seria então a do Fort-Da, jogo descrito por Freud, em que a criança simboliza a ausência e presença da mãe pelo jogo do carretel. Regnault diz que só o fora-da-lei é fora-da-cadeia, por exemplo, o zero, que está antes da lei da série, mas ao mesmo tempo, funda a cadeia. Para a psicanálise, portanto, é o Nome-do-pai que é o suporte da função simbólica e, conseqüentemente, da Lei. Há, então, um abismo intransponível entre a Lei e as leis. Passemos, agora, à discussão sobre o pai e a Lei efetuada por Philippe Julien. Ele utiliza Kant para discutir, além do Bem, o papel do pai enquanto representante da lei. Diz ele:

A lei do bem é sempre uma barreira bastante frágil; e é por isso que cada um recua diante de seu próprio gozo, bem como ante o gozo do Outro, e hesita em amar seu próximo como a si mesmo. Mas, se a lei do bem e sua verbalização não conseguem constituir um limite ao gozo, não haverá uma outra lei que, não tendo seu fundamento no Bem, realmente tenha peso frente à nocividade do gozo? (JULIEN, 1996, p.59).

Para Julien, a *Crítica da razão prática* abre caminho em direção a Freud ao operar uma ruptura com a ética da antiguidade. Kant rompe o elo entre virtude e felicidade e diz que nem o macrocosmo, nem o microcosmo podem fornecer-nos referenciais sobre o caminho do bem. Aí, há uma coincidência entre Freud e Kant. Segundo Freud:

Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja 'feliz' não se acha incluída no plano da 'Criação'. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. (FREUD, 1990, p. 94)

Para a psicanálise, o agente da castração simbólica é o pai real, ou seja, o homem que faz da mulher objeto de seu desejo. Nisto, o pai representa uma lei, a lei do desejo, em que a mãe se

torna, para o sujeito, ao mesmo tempo objeto de desejo e objeto interdito, mas ainda não é o supereu.

Dessa operação, surge outra, a privação, pela qual a criança apaga o pai real revestindo-o com a imagem de um pai ideal. É dessa figura que se origina o supereu. Julien propõe três tempos. Retomando o conhecimento adquirido no capítulo sobre a *Identificação*, em que Freud diz que por trás do ideal do eu esconde-se a primeira e mais importante identificação do indivíduo, que seria com o pai da pré-história, o autor esclarece que este pai é o pai da onipotência. É o pai que faz a lei, legislador, que pode o que a criança não pode. Nesse sentido é que ele é colocado como agente da privação real, pois marca uma distância entre o que a criança gostaria de ser (o falo) e o que ela é.

No segundo tempo, o sujeito realiza um luto do amor pelo pai, pois o pai ideal é privador, portanto, causa do mal. O mal, aqui, diz respeito ao fato de o pai ter executado mal sua obra: a criança. Segundo Julien:

[...] chegamos aí, ao momento crucial da ética: por identificação com o ser- do- pai, fazemos nossa sua maldade e nos tornamos maus com nós mesmos. É exatamente a isso que Freud chama supereu. Sua instância é o retorno contra si do ódio pelo pai como criador e mestre. O que está em jogo é salvar o amor por um pai que fosse digno de ser amado. (JULIEN, 1996, p.76)

A mola da identificação é o amor ao pai. E o amor pelo pai primevo já era o fundamento disso, pois o remorso, a culpa, é o resultado da ambivalência de sentimentos resultantes da morte do pai, que era odiado, mas também amado. Uma vez aplacado o ódio, aparece o amor, que gerou o supereu, conferindo-lhe a autoridade do pai.

No terceiro tempo, é necessário esgotar o trabalho do luto, dando fim ao ódio a esse pai privador. Segundo Julien, a “rocha inalisável” com a qual Freud se deparou, a feminilidade, que tem a ver com a inveja do pênis na mulher e com a angústia da castração no homem, só pode ser transposta se cai o véu do pai real.

Segundo Lacan, conforme o Seminário VII, o desejo pela mãe não poderia ser satisfeito, pois ele seria o fim, o término da demanda. Sendo função do princípio do prazer buscar aquilo

que se quer reencontrar, mas que nunca poderá atingir, estabelece-se essa relação chamada lei de interdição do incesto.

Regnault nos propõe um contraponto entre as leis positivas e a Lei advinda do supereu, para concluir que a Lei do pai não ajuda muito quando se trata de abordar as leis do estado, ou seja, não é possível dizer de um supereu social, inferir do individual o mesmo para o social. Para a psicanálise, e isto é fundamental, é a interdição que possibilita a falta e, daí, o desejo de transgressão.

A partir destas considerações, retomemos a questão da ambivalência do sujeito em relação ao pai. O pai odiado é morto, mas ele só se torna mais forte depois de morto. De acordo com Lacan:

Totem e tabu é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam, é preciso que o verdadeiro pai, o pai singular, o pai único, esteja antes do surgimento da história, e que seja o pai morto. Mais, ainda: que seja o pai assassinado. E, realmente, como isso poderia ser pensado fora do valor mítico? Pois, que eu saiba, o pai em questão não é concebido por Freud, nem por ninguém, como um ser imortal. Por que é preciso que os filhos tenham, de certa forma, antecipado sua morte? E tudo isso, com que fim? Para, afinal de contas, interditem a si mesmos o que se tratava de arrebatá-lo. **Não o mataram senão para mostrar que ele é incapaz de ser morto**⁹ (LACAN, 1957, p.215).

Lacan ainda nos chama a atenção para o fato de que tanto na língua alemã, quanto no francês e outras línguas, a palavra *tuer* (matar), vem do latim *tutare*, que quer dizer conservar. Assim, uma das questões colocadas já pode ser discutida. A morte do pai é necessária, mas acontece de forma mítica, instaura a lei, perpetua o pai enquanto função no inconsciente do sujeito, na forma do supereu.

No entanto, a instauração da lei via identificação com o pai só é possível porque o mesmo pai que é odiado é também amado.

Após a morte do pai primevo, o acesso à satisfação pulsional não foi liberado, mas, ao contrário, a sua interdição foi reforçada. Essa lei que se transmite através das gerações comporta uma falha, ou seja, comporta algo que não se ordena e permanece como um

⁹ Grifo nosso.

resto que é também transmitido. Nessa vertente mítica, foi devido a um retorno do amor ao pai que a lei pôde se instituir como tal. (GOMES, 2002, p.72).

A introjeção da lei fundamenta-se no amor ao pai. Seria, então, o amor ao pai o que permitiria ao homem desejar ser pai? Mas, qual a relação entre o desejo do pai e o desejo de ser pai? Prossigamos na tentativa de responder a mais esta questão.

4.2.3 - Desejo do pai x Desejo de ser pai

Como, a partir do estudo efetuado até o momento, pensar o desejo de ser pai? É possível falar em desejo do pai, em contraposição ao desejo de ser pai? Para esclarecer estes pontos, iniciaremos a discussão sobre a palavra “desejo”.

Luiz Hanns, em seu *Dicionário comentado do alemão de Freud (1996)*, diz que o substantivo *Wunsch* é corretamente traduzido por desejo, embora seu uso seja mais específico na língua alemã. Refere-se ao que é almejado, mas distante e idealizado, contrapondo-se ao querer mais imediato, como o “querer” (*Wille*) ou a “vontade” (*Lust*).

Quanto às diferenças de significações entre o alemão e o português, vemos que o significado coincide nas duas línguas como expressão de voto formulado, pedido, sonho, além do querer imediato (mais utilizado no português e menos no alemão) e somente no português há conotação de desejo sexual. O importante é reafirmar o caráter presente, tanto na língua alemã quanto no português, da idéia de um ideal, de um sonho.

No dicionário de psicanálise de Roudinesco e Plon, temos a seguinte definição de desejo:

Em Freud, o desejo (*Wunsch*) é, antes de mais nada, o desejo inconsciente. Tende a se consumir (*Wunschfullung*) e, às vezes, a se realizar (*Wunschbefriedigung*). Por isso é que se liga prontamente à nova concepção do sonho, do inconsciente, do recalque e da fantasia. Daí esta definição que não variaria mais: o desejo é desejo inconsciente e realização de desejo. Em outras palavras, é no sonho que reside a definição freudiana do desejo: o sonho é a realização de um desejo recalcado e a fantasia é a realização alucinatória do desejo em si. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.147).

Portanto, o desejo para a psicanálise é o desejo inconsciente e o filho, para a mulher, é a realização de um desejo. Existem algumas diferenças fundamentais nas vivências edípicas masculinas e femininas do complexo. Para compreender o estatuto de objeto de desejo que o filho assume para mulher e questionar se o filho também seria um objeto de desejo para o homem, retomemos alguns pontos que já foram discutidos no capítulo sobre *Os mitos do pai em Freud*.

Vimos que a discussão sobre a diferença entre as vivências masculina e feminina do complexo de Édipo tem início em 1908, com o texto *Sobre as teorias sexuais das crianças*. Retomemos a passagem em que Freud faz equivaler o filho ao falo:

O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai. A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza — ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer — do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente — dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza. Os dois desejos — possuir um pênis e um filho — permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior. (FREUD, 1990, p.223).

O papel posterior a que Freud se refere é o papel de mãe. A menina abandona o desejo de dar um filho ao pai, mas persiste o desejo de ser mãe. Assim, o complexo de castração inicia o Édipo feminino, enquanto é o complexo de castração que faz declinar o Édipo masculino. O período pré-edípico nas meninas passa a ter uma importância fundamental. Quanto ao período pré-edípico nos meninos, diz Freud:

Com referência à pré-história do complexo de Édipo nos meninos, estamos longe da clareza completa. Sabemos que esse período inclui uma identificação de tipo afetivo com o pai do menino, identificação que ainda está livre de qualquer sentimento de rivalidade com relação à sua mãe. (FREUD, 19290 p.311)

E, quanto às meninas, Freud se questiona: se em ambos os casos (meninos e meninas), a mãe é o primeiro objeto de amor, como as meninas poderiam fazer um deslocamento em direção ao objeto paterno?

Segundo Freud, a criança do sexo feminino, ao se deparar com a questão da diferença anatômica, sabendo ser desprovida do falo, passa a almejá-lo. Seriam três as conseqüências dessa tentativa de obtenção do atributo fálico: um comportamento masculinizado, um sentimento de inferioridade ou uma terceira conseqüência, que seria o afrouxamento da relação afetiva da menina com o objeto materno.

Nesse momento, a relevância cai sobre a terceira conseqüência, na qual a inveja do pênis afrouxaria a relação da menina com a mãe. Sobre essa afirmação, diz Freud: “[...] a mãe da menina, que a enviou ao mundo assim tão insuficientemente aparelhada, é quase sempre considerada responsável por sua falta de pênis” (FREUD, 1990, p.316).

Abandonando a mãe como objeto de amor, a menina substitui também a inveja do pênis por um desejo de ter um filho de seu pai, que se torna objeto de amor, enquanto a mãe se torna objeto de ciúme.

Ao se tomar a menina como referência, pode-se pensar que seria um tanto quanto paradoxal que esta assumisse uma identificação com a mãe, se existe tanto desprezo em relação a ela. Além disso, a ameaça de castração parece não fazer sentido à criança de sexo feminino, pois como ela poderia perder algo que não possui?

Ao se avançar nos escritos posteriores de Freud, a fim de clarear estas questões, vê-se que no texto de 1931, *Sexualidade feminina*, ele tenta elucidar como ocorreria a troca de objeto efetuada pela menina. Freud se pergunta como a menina encontra o caminho para o pai; como, quando e por que se desliga da mãe. Segundo ele, a fase pré-ediânica, momento em que se dão essas passagens, assume uma importância maior, pois é a partir dessa fase de ligação com a mãe que se começa a suspeitar de uma possível relação desta com a etiologia da histeria. Assim, a intensa ligação com o pai é herdeira de uma ligação anterior igualmente forte com a mãe. Segundo Freud, “a mulher só atinge a normal situação edipiana positiva depois de ter superado um período anterior que é governado pelo complexo negativo” (FREUD, 1990, p.260). Enquanto que, para os meninos, o efeito do complexo de castração é a identificação com o objeto paterno, para as meninas o efeito é outro.

A partir dessas conclusões, Freud vai percebendo que o relacionamento da menina com a mãe foi o original, e a ligação da menina com o pai foi construída sobre ele. Esse primeiro vínculo com a mãe perde sua força, e a menina o abandona através de vivências nas quais atuam vários fatores, e não um único fator. Primeiramente, Freud cita o ciúme de outras pessoas (irmãos, rivais, o próprio pai...). De acordo com ele, o amor infantil, por ter como característica a falta de realidade objetiva, e por ser ilimitado, exigindo posse exclusiva, está condenado ao desapontamento e a ceder lugar a uma atitude hostil. Outro fator seria a proibição da masturbação por parte da mãe. Essa proibição geraria ressentimento na menina, facilitando seu afastamento do objeto materno.

Por fim, Freud relembra que a primeira consequência do reconhecimento da castração pela menina é o desejo de um dia possuir o pênis. Somente num segundo momento, a menina percebe que o fato de não possuí-lo não é um infortúnio exclusivamente seu, mas que se estende a outras crianças e a adultos. Diz Freud: “Quando vem a compreender a natureza geral dessa característica, disso decorre a feminilidade - e com ela, naturalmente, sua mãe - sofrer uma grande depreciação a seus olhos” (FREUD, 1990, p.268).

A menina passa, então, a culpar a mãe por colocá-la desprovida no mundo, acarretando seu desligamento do objeto materno. Apesar de todos estes motivos, Freud ainda os considera insuficientes para justificar a rivalidade final da menina em relação a sua mãe. Ele chega a dizer que essa ligação já estaria fadada a desaparecer, por ser a primeira e mais intensa. Freud ainda cita a mudança efetuada pela menina, que aos poucos terá de abandonar o “lado ativo da feminilidade”, a favor de um comportamento de caráter passivo. Isto porque, para Freud, a mulher deveria realizar três mudanças importantes no decorrer de sua vida. Além da mudança de objeto, seria necessário que ocorresse também uma mudança de órgão e de posição. O clitóris, que na infância teve uma importância análoga à do pênis no menino, deve perder esta importância para a vagina, assim como a posição considerada ativa por Freud deve ceder, a favor de uma atitude passiva. Não é intenção do presente estudo discutir a posição de Freud sobre essas mudanças, embora seja importante reconhecê-las no texto freudiano, para perceber o estatuto do filho para a mulher.

A conferência XXXIII, de 1932, que trata do tema “Feminilidade”, introduz algum material. Nesse texto, Freud retoma a idéia de que a constituição anatômica por si só não é

suficiente na discriminação entre os dois sexos, e as representações inconscientes se tornam fundamentais nessa distinção.

Freud, nessa conferência, volta a comentar a importância do período pré-edípico na constituição da feminilidade:

Sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições. Durante essa fase, o pai da menina é apenas um rival incômodo; em alguns casos, a vinculação com a mãe perdura além do quarto ano de vida. Quase tudo o que posteriormente encontramos em sua relação com o pai, já estava presente em sua vinculação inicial e foi transferido, subsequentemente, para seu pai. Em suma, fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edípica à mãe. (FREUD, 1990, p.147).

Para Freud, o afastamento da mãe não envolve simplesmente uma troca de objeto. “O afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio” (FREUD, 1932, p.150). Desse modo, ele chega à conclusão que considera surpreendente, de que embora os meninos também passem pelos mesmos desapontamentos em relação ao objeto materno, um fator específico se faz presente neste processo nas meninas: as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis e não a perdoam por terem sido colocadas no mundo em desvantagem. O relacionamento da menina com sua mãe termina em ódio. Ao descobrir a castração, abrem-se as três possibilidades já citadas: a inibição sexual, o complexo de masculinidade e a feminilidade. A situação feminina se estabelece, segundo Freud, se o desejo de obter o pênis for substituído pelo desejo de ter um filho. Freud ressalta, no entanto, que o material apresentado acerca da feminilidade “Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável” (FREUD, 1990, p.165).

Ainda citando a conferência, Freud considera que, quando a menina brincava de ser mãe, brincando de bonecas, o que pretendia era uma identificação com sua mãe, embora nesse momento não fosse considerada por Freud expressão de feminilidade:

A identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-edípica, sobre a qual se apóia a vinculação afetiva com a mãe e esta é tomada como

modelo, e a camada subseqüente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai. (FREUD, 1990, p.164).

Segundo Freud, ambas as identificações subsistem no futuro e nenhuma das duas é totalmente superada. Quanto ao complexo de masculinidade, segunda linha possível de desenvolvimento, Freud considera que a menina recusa o fato indesejado (castração), refugiando-se em uma identificação com a mãe fálica ou com seu pai.

É certo que no momento em que a menina abandona a inveja do pênis e passa a desejar um filho, segundo a equação simbólica pênis=filho=falo, algo de uma possível identificação com a mãe já vai se delimitando. O referencial aqui, o que é passado para a mulher, se resume na máxima “ser mulher é ser mãe”. E a questão do seu próprio sexo, talvez diante da impossibilidade de obter outra resposta que não esta, ganha status de enigma; enigma remetido a outras mulheres. De qualquer forma, não é nosso objetivo discutir o lugar do filho para a mulher e sim o lugar do filho para o homem.

É interessante notar que num pequeno texto de 1917, intitulado *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal*, Freud já fazia equivaler o bebê, pênis e fezes. Esses conceitos seriam “intercambiáveis”. Fica claro que o desejo de obter o atributo fálico é substituído pelo desejo de ter um bebê:

Se penetramos profundamente na neurose de uma mulher, não poucas vezes deparamos com o desejo reprimido de possuir um pênis, como um homem. Chamamos a esse desejo “inveja do pênis” e incluímo-lo no complexo de castração. Infortúnios casuais na vida de tal mulher, infortúnios que são freqüentemente o resultado de uma disposição bastante masculina, reativaram esse desejo infantil e, através do fluxo retrospectivo da libido, tornaram-no o principal veículo dos seus sintomas neuróticos. Em outras mulheres não encontramos esse desejo de um pênis; é substituído pelo desejo de um bebê, cuja frustração, na vida real, pode levar à eclosão de uma neurose. É como se tais mulheres houvessem compreendido (embora isso não possa ter atuado como motivo) que a natureza dá bebês às mulheres como substitutos para o pênis que lhes negou. (FREUD, 1990, p.161).

E o bebê, como veremos no caso do “Pequeno Hans”, pode ser confundido com as fezes, com algo que se separa do corpo. Na mulher, portanto, fica claro que o desejo de um filho se

caracteriza por um desejo da ordem do inconsciente, como algo almejado e cujas raízes se encontram na infância.

Mas, e o homem? Também ele desejaria ter um bebê? Sendo portador do pênis, não haveria necessidade de tal artifício e o desejo, no sentido psicanalítico do termo, como um processo inconsciente, estaria inscrito nos termos da paternidade?

O falo para Lacan é um significante e o pênis, apenas uma das muitas imagens do falo. Assim, o que ocorre é que a criança, num dado momento, percebe a diferença sexual. É um encontro com a falta, encontro este decisivo, pois a significação conferida à falta determina a estrutura, que nada mais é que a posição diante desta.

A mulher, ao fazer a substituição simbólica pênis=filho=falo, coloca a criança neste lugar de tamponar a falta. O filho assume o lugar de falo imaginário da mãe. O pai tem aí um papel fundamental como agente da castração, no sentido de que é ele quem vai significar a falta materna. Se o desejo da mãe é X, a incidência do Nome-do-pai sobre o vínculo mãe-criança nomeará este X como sendo o falo, ou seja, o que a mãe deseja está em outro lugar, a criança não é o falo e ela própria está submetida a uma lei. Para a criança então, restam duas saídas diante deste impasse colocado pela descoberta da falta na mãe: ser ou ter o falo. Lacan, no Seminário IV, diz não bastar que o sujeito, ao sair do Édipo, encontre o caminho para a heterossexualidade; é preciso que ele esteja situado corretamente em relação à função do pai. Situar-se corretamente, não é uma tarefa fácil:

No caso do menino, a função do Édipo parece muito mais claramente destinada a permitir a identificação do sujeito com o seu próprio sexo, que se produz, em suma, na relação ideal, imaginária com o pai. **Mas não é este o verdadeiro objetivo do Édipo, que é a justa situação do sujeito com referência à função do pai, isto é, que ele próprio aceda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um pai**¹⁰.(LACAN, 1957, p.208).

Para nossos objetivos, esta afirmação de Lacan é fundamental. No início de nosso trabalho de pesquisa, levantamos a hipótese de que “ser pai” passa necessariamente pela relação do menino com seu próprio pai. Portanto, o atravessamento do Édipo é fundamental. Se o desejo de ser pai se relaciona com o Édipo, o que dizer sobre o desejo do pai?

¹⁰ Grifo nosso

Gomes (2002) trabalhou essas questões com o objetivo de compreender o papel da culpa no caso de Dostoiévski. O desejo do pai, segundo ela, pode ser apreendido na obra freudiana, no ensaio *Totem e tabu*: “Essa lei que garante a distância entre o pai da realidade e o pai primevo corresponde ao desejo do pai, que segundo Freud (1912-1913), encontra-se na origem de qualquer religião” (GOMES, 2002, p. 104). O desejo do pai portaria então, algo de desconhecido, que suscitaria a angústia:

O desejo do pai, por outro lado, por guardar referência ao elemento pulsional, suscita a angústia. Ele se encontra na origem do pai do amor que é um substituto seu. Esse amor ao pai vem justamente encobrir a face inconsistente do pai desejante. A criação do Pai do amor pela religião cristã seria, então, um tipo de resposta ao desejo do pai. (GOMES, 2002, p.108).

O desejo do pai, portanto, está relacionado à lei. Mas, como fica o desejo de ser pai? Se, de acordo com Lacan o desejo de ser pai e o acesso a essa posição estão relacionados ao Édipo, discutiremos agora as vicissitudes, os caminhos possíveis do menino até o acesso à paternidade, tendo como referência o “Pequeno Hans”, caso relatado por Freud, se constituindo como uma das “Cinco psicanálises”.

5 - O PAI EM HANS E SEUS DESDOBRAMENTOS

Formular a questão o que é um pai? É algo diverso de ser-se um pai, aceder à posição paterna. Vamos examinar isso de perto. Se é fato que, para cada homem, o acesso à posição paterna é uma busca, não é impensável dizer que, finalmente, ninguém jamais o foi por completo. Lacan

Freud inicia suas observações sobre o caso de uma “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”, dizendo que apesar de não ter participado diretamente do tratamento, assentou as linhas gerais deste. O pai de Hans foi quem conduziu efetivamente a cura, utilizando-se de um “conhecimento especial”, já que ele fazia parte de um grupo que estudava psicanálise. O pai de Hans, assim, “interpretou” seu filho.

O pai de Hans é criticado por Lacan, que considera suas perguntas e questionamentos excessivos, influenciando inclusive na produção fantasística da criança. Diante de tantas perguntas, é como se Hans se sentisse na obrigação de dar respostas, assumindo, em determinado momento, uma atitude que Lacan considerou jocosa, colocando elementos de puro humor na história que relatava. Mas, ao mesmo tempo, as perguntas do pai permitiram que a criança construísse seu sintoma, elaborasse o que Lacan chamou de “mito”, para que ao final, a fobia desaparecesse.

As intervenções feitas pelo pai de Hans foram cuidadosamente anotadas por ele, e o relato tem início na época em que Hans, com a idade de três anos, já demonstrava especial interesse por seu “faz-pipi” (originalmente : wiwimacher). Aos três anos e meio, ele ouviu de sua mãe uma ameaça: “Se fizer isso de novo (tocar com a mão no pipi), vou chamar o Dr.A. para cortar fora seu pipi”. A partir daí, cresce o interesse da criança pelos “pipis” dos animais. Com Lacan, percebemos que a questão central em se tratando de Hans, mais do que o interesse pelo órgão, é o que ele representa, ou seja, o falo.

Segundo Chemama (1995), foi com Lacan que o falo se tornou um conceito fundamental da psicanálise, embora o termo já estivesse presente na obra de Freud, quando ele relata, por exemplo, os símbolos fálicos nos sonhos, ou quando cita a fase fálica, nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. O falo, para Lacan, tem um papel simbólico no inconsciente e um lugar na

ordem da linguagem. É um significante que designa os efeitos do significado, o objeto do recalçamento originário freudiano. Se define, portanto, na dialética do ter ou não ter.

Esta dialética do ter ou não ter pode ser vista no texto freudiano *A organização genital infantil*, quando Freud afirma que na infância, há uma primazia do falo, ou seja, do órgão masculino, constituindo-se uma antítese entre possuir o órgão e ser castrado (ter ou não ter o falo).

A interdição à masturbação, efetuada pela mãe de Hans, em um primeiro momento não acarreta nada. É só depois que este elemento irá se ligar a outros, desencadeando a fobia da criança. Diz Lacan:

A criança se apresenta à mãe como lhe oferecendo o falo nela mesma, em graus e posições diversos. Ela pode se identificar com a mãe, se identificar com o falo, ou apresentar-se como portadora de falo. Existe aí um grau elevado, não de abstração, mas de generalização da relação imaginária que chamo de tapeadora, pela qual a criança atesta à mãe que pode satisfazê-la, não somente como criança, mas também quanto ao desejo e, para dizer tudo, quanto àquilo que lhe falta (LACAN, 1957, p. 230)

Algo acontece, portanto, para que isto seja abalado. E se não é a interdição à masturbação, o que seria? “O elemento importante não é tanto que a mãe intervenha neste momento, mas que o pênis se tenha tornado real” (LACAN, 1957, p.231). Ou seja, o que realmente muda para Hans, é o fato de que seu pênis se agita gerando angústia, para logo depois dar lugar à fobia.

Aos quatro anos e três meses ele teve um sonho que relatou ao seu pai: “Sabe, ontem à noite pensei assim: Alguém disse: Quem quer vir até mim? Então alguém disse: Eu quero. Então ele teve que obrigar ele a fazer pipi” (FREUD, 1909, p.29). O pai de Hans percebeu que este sonho tinha relação com uma brincadeira de cobrar prendas que as crianças jogavam e foi interpretado por ele como um desejo de ser visto “fazendo pipi”.

Para Lacan, o ato de comparação a que Hans se submete, só faz inflar o imaginário, que desempenha um papel fundamental neste momento. O jogo de prendas é o jogo do engodo que se liga à angústia e logo depois, o sintoma:

A introdução, perfeitamente concebível, da imagem materna sob a forma ideal do eu nos deixa na dialética imaginária, especular, da relação do sujeito com o pequeno outro. Sua sanção não nos tira deste ou ... ou, ou ele ou eu, que ali fica ligado à primeira dialética simbólica, aquela da presença ou ausência. (LACAN, 1957, p.211).

O sintoma que Hans constitui é um medo de ser mordido por um cavalo. Mas à medida que seu pai relata o caso, percebe-se que o fundo de angústia também está relacionado ao medo de ficar sem a mãe. Freud, neste momento, sugere ao pai de Hans qual intervenção deveria ser feita:

Combinei com o pai de Hans que ele diria ao menino que tudo aquilo relacionado com cavalos não passava de uma bobagem. Seu pai iria dizer que a verdade é que ele gostava muito de sua mãe e que queria que ele o levasse para sua cama. A razão por que ele tinha então medo de cavalos se explicava por ele se haver interessado muito pelo seu pipi. Ele próprio observara não ser correto ficar tão preocupado assim com os pipis, mesmo com o dele; e tinha razão ao pensar desta forma. A seguir sugeri a seu pai que começasse a dar a Hans alguns esclarecimentos dentro do tema do conhecimento sexual. O comportamento anterior da criança constituía para nós justificativa para admitirmos estar sua libido relacionada com um desejo de ver o pipi de sua mãe. Propus então a seu pai que afastasse de Hans esse objetivo, informando-o de que sua mãe e todos os outros seres femininos (como podia constatar com Hanna) não tinham pipi nenhum. Esse último esclarecimento lhe seria dado numa ocasião favorável, quando o assunto fosse motivado por alguma pergunta ou alguma observação casual de Hans (FREUD, 1990, p. 39).

Esta “manobra direta sobre a culpa”, como marca Lacan, tem suas conseqüências. O pai real é incapaz de assumir esta função, a função interpretativa que Freud sugere. Abordando a culpa de frente, o pai de Hans a transforma em “diversas formas metabólicas”(LACAN, 1957 p.286), e a criança passa a se sentir obrigada a olhar para os cavalos.

Para Lacan, Hans reage a esta intervenção criando a fantasia das duas girafas e uma outra relacionada com sua mãe. A primeira é a seguinte: “De noite havia uma girafa grande no quarto, e uma outra, toda amarrotada; e a grande gritou porque eu levei a amarrotada para longe dela. Aí, ela parou de gritar; eu me sentei em cima da amarrotada”. (FREUD, 1990, p. 47).

O pai de Hans então, submete o filho a um inquérito, para logo depois inferir que a girafa grande era ele mesmo e a amarrotada, era sua esposa. Freud chama esta inferência de uma “penetrante interpretação”. Esta interpretação foi comunicada a Hans na manhã seguinte e ele

aceitou o que o pai disse. A continuação desta fantasia foi relatada pelo menino nos desejos de realizar atitudes proibidas, como quebrar a janela de um trem ou passar por baixo de cordas que demarcavam certo local. Para Freud, a criança se deparara com a barreira contra o incesto, por isto as coisas proibidas eram realizadas em sua imaginação.

Para Lacan, no entanto, trata-se de outra coisa:

Trata-se, com efeito, para a criança, de retomar a posse da mãe, para grande irritação, até mesmo cólera, do pai. Ora, esta cólera nunca se produz no real, o pai jamais se entrega à cólera, e o pequeno Hans lhe sublinha isso: Você deve estar com raiva, você deve estar com ciúmes. Explica-lhe o Édipo, em suma. Infelizmente o pai nunca está ali para fazer o papel do deus Trovão (LACAN, 1956, p.269)

A segunda fantasia se dá quando Hans diz ao pai que viu a mãe vestida de camisola e nua, e o pai, na sua ânsia de compreender rápido demais, questiona: “ou ela está vestida ou está nua”, sendo que para Lacan, se trata exatamente do que Hans disse: ela está vestida e nua.

Mais tarde, o pai de Hans faz uma intervenção quando o filho relata uma cena, onde o pai de uma amiga lhe diz para não apontar o dedo para o cavalo, que poderia mordê-la. Diz Hans: “O pai dela estava parado perto do cavalo, e o cavalo virou a cabeça (para tocá-lo), e ele disse para Lizzi: Não estenda seu dedo para o cavalo branco senão ele te morde”. Ao que o pai de Hans diz: “Sabe, parece-me que você não quer dizer um cavalo, mas um pipi, onde ninguém deve pôr a mão”. (FREUD, 1990, p.40).

Em outro momento, quando Hans demonstra medo de visitar alguns animais no Zoo, o pai de Hans faz uma interpretação dizendo que ele estava com medo dos animais grandes porque eles possuíam pipis grandes. Freud marca esta interpretação como equivocada e diz que as comparações que ele vinha fazendo entre seu pipi e os outros pipis, é que causava ansiedade. Isto se ligava ao fato de que a mãe de Hans, um ano antes havia proferido palavras que apontavam para a ameaça de castração. Juntando isto à fala que Freud sugeriu ao pai, ou seja, de que as mulheres não possuíam pipis, a ameaça passava a fazer sentido, daí a ansiedade.

Então, Hans tem seu encontro com Freud, encontro fundamental onde Freud faz, ele mesmo, a interpretação dos sintomas da criança:

Continuei, dizendo que bem antes de ele nascer eu já sabia que ia chegar um pequeno Hans que iria gostar tanto de sua mãe que, por causa disso, não deixaria de sentir medo de seu pai; e também contei isso ao seu pai. (FREUD,1990, pg 52)

A partir disto aparece claramente o conflito no qual Hans estava envolvido: havia o medo de seu pai e o medo por seu pai. O pai de Hans coloca o medo dos cavalos como um medo de que o cavalo parta (medo de que ele vá embora) ao mesmo tempo que um desejo de que o cavalo vá embora (e deixe a mãe para ele). Freud percebe que o garoto aceitou a interpretação quando o pai se lança novamente em uma tentativa de fazer perguntas a Hans sobre o início de sua fobia, e a criança revela a complexidade desta: Os medos se estendiam a cavalos e carroças, ao fato de caírem e morderem, revelando, portanto, elementos difusos. Diz Freud:

Pode ser que as investigações do pai de Hans não lograssem êxito em alguns aspectos; contudo, não é prejudicial travar conhecimento, na intimidade, com uma fobia dessa espécie – a qual podemos sentir-nos inclinados a denominar a partir de seus objetos (FREUD,1990, pg.60).

Hans passa a brincar de cavalo, se identificando ao pai desta forma e mostrando assim, que aceitava as últimas interpretações. Um novo tema surge: o *lumf*, que para o pequeno Hans, traduzia sua dificuldade em evacuar. Então, através de pronunciamentos espontâneos, a criança traz, segundo Freud, “combustível para a análise”. É um período de produção muito rico, onde o pai novamente faz uma interpretação, que Freud nomeia como uma “ótima conjectura”. Aparece no discurso do pequeno, o medo de tomar banho na banheira, escorregar e cair, onde o pai faz a seguinte marcação: “Quando você estava olhando mamãe dar o banho de Hanna, talvez você quisesse que ela largasse Hanna, para que ela caísse na água”. Ao que Hans responde: “Sim”. (FREUD, 1990, p.76).

O tema Hanna, que se sucedia ao tema dos *lumfs*, apontava para uma das teorias sexuais infantis: Hanna era um *lumf*! Nos comentários finais, Freud vai dizer que os pais demoraram muito a dar o devido esclarecimento à criança, e ela, por conseguinte, passou a criar fantasias sobre o nascimento, na tentativa de obter respostas para suas questões. A questão sobre o desejo

de ser pai, já aparece no discurso do pequeno Hans, a partir do desconhecimento da diferença sexual:

Eu: “Você gostaria de ter uma menininha?”
 ‘Hans: “Oh, sim. Por que não? Eu gostaria de ter uma, mas a mamãe não deve ter; eu não gosto disso.”
 ‘(Ele antes expressou muitas vezes esse ponto de vista. Ele tem medo de perder ainda mais da sua posição, se uma terceira criança chegar.)
 ‘Eu: “Mas só as mulheres têm crianças.”
 ‘Hans: “Eu vou ter uma menininha.”
 ‘Eu: “Onde é que você vai consegui-la?”
 ‘Hans: “Ora, da cegonha. Ela tira a menininha para fora, e de repente a menininha bota um ovo, e de dentro do ovo sai uma outra Hanna — outra Hanna. De dentro de Hanna sai outra Hanna. Não, sai uma Hanna.”
 ‘Eu: “Você gostaria de ter uma menininha.”
 ‘Hans: “Sim, no ano que vem eu vou ter uma, e ela vai chamar-se Hanna também.”
 ‘Eu: “Mas por que é que mamãe não deve ter uma menininha?”
 ‘Hans: “Porque eu quero ter uma menininha dessa vez.”
 ‘Eu: “Mas você não pode ter uma menininha.”
 ‘Hans: “Oh, sim, os meninos têm meninas e as meninas têm meninos.”
 ‘Eu: “Os meninos não têm crianças. Só as mulheres, só as mães é que têm crianças.”
 ‘Hans: “Mas por que eu não poderia?”
 ‘Eu: “Porque Deus arranjou as coisas assim.”
 ‘Hans: “Mas por que você não tem uma? Oh, sim, você vai ter uma, sim. Espere só.”
 ‘Eu: “Eu vou ter que esperar algum tempo.”
 ‘Hans: “Mas eu pertence a você.”
 ‘Eu: “Mas mamãe trouxe você ao mundo. Então, você pertence a mamãe e a mim.”
 ‘Hans: “Hanna pertence a mim ou a mamãe?”
 ‘Eu: “A mamãe.”
 ‘Hans: “Não, a mim. Por que não a mim e a mamãe?”
 ‘Eu: “Hanna pertence a mim, mamãe, e você.”
 ‘Hans: “Está vendo?, aí está você.”(FREUD, 1990,p.94)

Freud afirma que não seria preciso pressupor em Hans uma corrente feminina de desejo de ter crianças, pois era com a mãe que ele havia tido suas mais felizes experiências, então ele estaria simplesmente desempenhando um papel ativo em suas fantasias, que nesse caso, era o da mãe. (FREUD,1990,p.100). De qualquer modo, chamava a atenção do pai o excesso de fantasias do menino sobre “seus filhos”. Os filhos imaginários, bem como marca Lacan, estão presentes desde a primeira fantasia relacionada ao jogo de prendas. Quando o pai de Hans lhe questiona o fato de estar sempre pensando em “seus filhos”, Hans responde: “Por quê? Porque eu gostaria tanto de ter filhos; mas eu nunca quero; eu não deveria gostar de tê-los” (FREUD,1990, p.101). Freud relaciona estas afirmações da criança à contradição entre fantasia e realidade, entre desejar

e ter. Hans sabia que era criança e que outras só lhe atrapalhariam, mas em sua fantasia era uma mãe e queria filhos para que pudesse repetir com eles suas experiências de prazer.

Eu: “A mim parece que, de todo jeito, você deseja que a mamãe tenha um bebê.”

‘Hans: “Mas eu não quero que isso aconteça.”

‘Eu: “Mas você deseja isso?”

‘Hans: “Oh, sim, desejo.”

‘Eu: “Você sabe por que você deseja isso? Porque você gostaria de ser papai.”

‘Hans: “Sim... Como é que funciona?”

‘Eu: “Como é que funciona o quê?”

‘Hans: “Você diz que os papais não têm bebês; então, como é que funciona a minha vontade de ser papai?”¹¹

‘Eu: “Você gostaria de ser papai e casado com a mamãe; você gostaria de ser do meu tamanho e de ter um bigode; e você gostaria que a mamãe tivesse um bebê.”

‘Hans: “E, papai, quando eu for casado, só vou ter um bebê se eu quiser, quando eu for casado com a mamãe, e se eu não quiser um bebê, Deus não vai querer também, quando eu for casado.”

Eu: “Você gostaria de ser casado com a mamãe?”

‘Hans: “Oh, gostaria.”(FREUD, 1990, p.100).

Hans encontra então uma solução para o Édipo satisfatória, onde não precisaria mais eliminar o pai, solução que o angustiava e alimentava sua fobia. A solução encontrada foi a seguinte:

30 de abril. Vendo Hans brincar com seus filhos imaginários de novo, eu lhe disse “Alô, seus filhos ainda estão vivos? Você sabe muito bem que um menino não pode ter filhos”

Hans: Eu sei. Antes eu era a mamãe deles, agora eu sou o papai deles”.

Eu: E quem é a mamãe das crianças?

Hans: Ora, a mamãe, e você é o vovô delas”.

Eu: Então você gostaria de ser do meu tamanho, e de ser casado com a mamãe, e então você gostaria que ela tivesse filhos”.

Hans: Sim, é disso que eu gostaria, e então a minha vovó de Lainz (minha mãe), será a vovó deles”.

As coisas estavam caminhando para uma conclusão satisfatória. O pequeno Édipo encontrou uma solução mais feliz do que a prescrita pelo destino. Em vez de colocar o pai fora de seu caminho, concedeu-lhe a mesma felicidade que ele mesmo desejava: fez dele um avô e casou-o com a sua própria mãe também. (FREUD,1990,104)

A partir disto ele pôde relatar outra fantasia que foi imediatamente interpretada pelo seu pai:

¹¹ Grifo nosso

O bombeiro veio; e primeiro ele retirou o meu traseiro com um par de pinças, e depois me deu outro, e depois fez o mesmo com meu pipi. (...) O pai de Hans compreendeu a natureza dessa fantasia apaixonada, e não hesitou um momento quanto a única interpretação que ela poderia admitir. (FREUD,1990, p.105).

O pai de Hans diz ao filho que o bombeiro havia lhe dado um traseiro e um pipi maiores, como os dele próprio e Hans aceita, acrescentando que ainda gostaria de ter o bigode e os cabelos do pai. A fobia de Hans desaparece após estas intervenções.

Freud, nos comentários finais do caso, diz que três fatos marcaram a eclosão da fobia em Hans: primeiro, o nascimento de sua irmã, que provocou um afastamento da mãe e o obrigou a dividir as atenções e cuidados com a recém-chegada. Em segundo lugar, a chegada do bebê reacendeu os prazeres que ele mesmo havia experimentado, já que ele acompanhava os cuidados que a mãe proporcionava à irmã. Por fim, o nascimento de uma criança, levou-o a um esforço de pensamento e o envolveu em conflitos emocionais: de onde vêm os bebês? E o que o pai tem haver com isso? Esta eram as perguntas que ele tentava responder. De acordo com seu pai, nos comentários finais do caso:

Um resíduo não resolvido permanece por trás, pois Hans ainda quebra a cabeça para descobrir o que um pai tem a ver com seu filho, já que é a mãe que o traz ao mundo. Isso pode ser visto pelas suas perguntas, como, por exemplo: “Eu pertenço a você também, não pertenço?” (querendo dizer não só à sua mãe). Não está claro para ele de que maneira ele pertence a mim. (FREUD,1990, p.107).

Portanto, a resolução da fobia não impede que o pai permaneça como figura enigmática. Mas, como articular o caso de Hans à questão sobre o desejo de ser pai? Para Lacan, três termos vão ser fundamentais na resolução da fobia de Hans: enraizado, perfurado e amovível. O pênis deixa de estar enraizado, para ser amovível. Ou seja, o falo pode ser tomado no terreno simbólico, é fixo quando se instala, mas circula, portanto “se move”.

Neste momento de sua teoria, as articulações sobre o caso de Hans, apontam que a solução para o desejo de ser pai se encontra articulada à noção de falo. Para Lacan, trata-se no caso da menina, de um deslizamento do falo imaginário para o falo real, onde o pai enquanto

objeto de amor dá o objeto de satisfação, sendo necessário, num segundo momento, que um substituto venha preencher este lugar, ao lhe dar, efetivamente, a criança.

Mas, no caso do menino, Lacan afirmará que o verdadeiro objetivo do Édipo é que o menino, “...isto é, que ele próprio aceda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um pai”(LACAN, 1957, p.208).

O filho pode ou não se constituir enquanto objeto de desejo na mulher. Com a psicanálise aprendemos que não existe “instinto materno”, mas sim um desejo de ser mãe que pode ou não acontecer e que este desejo depende do atravessamento do Édipo e como todo desejo, é singular, do sujeito. No caso do menino, a relação com o pai passa pela identificação, fundamental para que o menino queira, ele próprio, um dia ser pai:

Em outras palavras, a assunção do próprio signo da posição viril, da heterossexualidade masculina, implica a castração no seu ponto de partida. Isso é o que nos ensina a noção freudiana do Édipo. Precisamente porque o macho, ao contrário da posição feminina, possui perfeitamente um apêndice natural, detém o pênis como pertence, é preciso que ele o obtenha de algum outro, nessa relação com aquilo que é o real no simbólico: aquele que é realmente o pai. E é por isso que ninguém pode dizer, finalmente, o que é realmente ser pai, a não ser que isso é algo, justamente, que já se encontra ali no jogo. É o jogo jogado com o pai, jogo de quem perde ganha, se assim posso dizer, que por si só permite à criança conquistar o caminho por onde nela será depositada a primeira inscrição da lei.(LACAN, 1957, p.214).

O complexo de castração atinge o homem neste ponto. Não se trata então, da perda do órgão real ou que o pênis seja, de fato o falo. Se Freud estabelece, no caso da menina, a equivalência entre pênis e bebê, é porque se trata sempre de outra coisa, ou seja, o falo. Para o menino, portanto, o pênis pode até ser confundido com o falo. Mas o falo, definido por Lacan enquanto significante da falta, ninguém possui. Daí sermos desejantes, homens e mulheres. É neste sentido que a criança, o bebê, pode sim ser objeto de desejo do homem.

Em outras palavras, é na medida em que seu próprio pênis é momentaneamente aniquilado que a criança é prometida, mais tarde, a ter acesso a uma plena função paterna, isto é, a ser alguém que se sinta legitimamente de posse de sua virilidade. (LACAN, 1957, p.373).

A vivência do complexo de castração seria então, fundamental para que o menino possa ter acesso à posição paterna, e esta vivência, segundo Lacan, depende do pai real. É exatamente a figura do pai real que falha no caso do Hans. Benevolente demais, generoso demais, este pai não consegue validar sua palavra junto à mãe. O desejo de ter filhos, no caso de Hans, é puramente imaginário. São filhos, segundo Lacan, de suas fantasias. De qualquer modo, o que nos interessa nesta análise de Hans, tanto por Freud quanto por Lacan, é o reconhecimento de que sendo “amovível”, o falo é tomado no plano simbólico tanto para o menino, quanto para a menina.

6 - CONCLUSÃO

“Ouvindo-os falar, percebi como boa parte de quem eu era, boa parte do que eu era tinha sido definido por baba e pelas marcas que ele deixou na vida das pessoas. Durante toda a minha vida, fui “o filho de baba”. Agora, ele tinha ido embora. Nunca mais poderia me mostrar o caminho a seguir. E eu ia ter que descobrir isso sozinho.”

O caçador de pipas

Para tentar responder a questão sobre o “desejo de ser pai”, escolhemos a perspectiva da psicanálise, mais especificamente em Freud e Lacan. Partindo dos mitos freudianos do pai, percebemos que Freud coloca a ambivalência na base da relação pai/filho. Se em *Édipo* o que sobressaía era a figura do pai assassinado pelo filho e a culpa já se fazia presente, em *Totem e tabu* o caráter ambivalente da relação torna-se mais nítido. O amor ao pai, portanto, é fundamental na passagem de “ser filho” para “ser pai”, e a identificação estabelecida no processo permite que o sujeito passe de uma posição a outra.

Segundo Gomes (2002), o assassinato do pai é um postulado necessário na teoria, “na medida em que implica uma perda de satisfação, uma renúncia pulsional que é tomada como indispensável à constituição da subjetividade. O pai como morto é, assim, uma função que une o desejo à Lei”. (GOMES, 2002, p.57). Lacan coloca no Seminário IV que “Não o mataram senão para mostrar que ele é incapaz de ser morto” (LACAN, 1957, p.215).

Portanto, o pai se fortalece durante o complexo de Édipo do filho. Uma das perguntas que este trabalho de pesquisa visava responder dizia respeito ao pai morto, o porquê de um homem desejar ser pai, lugar fadado ao ódio filial. Através de nosso percurso, fomos reconhecendo esta importante marca do pai: sua fortaleza reside exatamente em seu caráter de mortificado. É este aspecto que lhe permite se eternizar no filho, independentemente de sua presença física.

Mas, como vimos no capítulo 2, o pai também se vincula à fobia. Relacionado à castração, o pai e sua presença tornam-se fonte de angústia para o filho. Mas, ao mesmo tempo em que odeia o pai, o filho o ama. A presença dessas correntes afetivas contrárias acaba elegendo um objeto externo que será o objeto fóbico. A partir do totemismo presente na infância, os

animais se tornam os objetos fóbicos por excelência, mas que no fundo simplesmente escondem o medo da castração.

Depois, vimos com Lacan que as profundas mudanças ocorridas na família conjugal moderna não deixam de ter seus efeitos. Segundo Lacan, no texto de 1938, trabalhado no capítulo 3, a crise da imago paterna pode ser relacionada ao aparecimento da psicanálise, pois Freud, independentemente de seu gênio, vivia numa Viena onde coexistiam as mais diversas formas familiares, desde as mais arcaicas às mais evoluídas.

Neste sentido, parece-nos importante comentar que o pai descrito por Lacan nos *Complexos familiares...* muda de estatuto no decorrer de sua obra, e se o pai vislumbrado naquele momento era o pai decaído, o próprio tempo tem se encarregado de mostrar que os pais mudaram, mas permanecem. Ou seja, o papel de pai, que era antes muito bem descrito, amarrado, sofre modificações que são reflexo de uma época. Antes, sabia-se como agir para ser um pai. Hoje, percebemos que a construção desse lugar é singular, depende de cada um. Se o modelo paterno antigo não se sustentou, é porque a sua fragilidade consistia nisso: em ser modelo. Se os pais de hoje se angustiam nos consultórios, em vez de precipitadamente avaliarmos o fenômeno como uma perda de lugar, talvez devêssemos perceber o oposto, ou seja, que hoje os pais procuram se situar melhor na função, ao contrário de simplesmente repetir estereótipos.

Depois, retomamos a distinção feita por Lacan entre pai real, imaginário e simbólico como uma construção teórica importante para perceber a sutileza da relação estabelecida entre o filho e o pai. O pai, então, passa a ser compreendido nessas três vertentes, separando-se da figura da realidade, para a função paterna.

Ao mesmo tempo, podemos considerar que se o filho, como diz Lacan, não é o filho do espermatozóide, o pai da realidade é necessário como suporte imaginário, real e simbólico. Mesmo ausente, o pai se faz presente na constituição psíquica do sujeito que o imagina, que o fantasia, e estas imagens e fantasias estão relacionadas aos aspectos da realidade.

É neste sentido que o pai se reveste das imagens de sua época, cada qual tentando dar um sentido a essa figura tão emblemática. Para compreendermos tais mudanças, foi necessário retomar alguns textos sociais para procurar entender essa dimensão do pai. Percebemos que, na época atual, a falta do modelo, do paradigma paterno, acaba por produzir algumas especificidades. Dentre elas, mudanças que afetam a relação dos sujeitos com a Lei.

Ao retomarmos o conceito de identificação, vimos que são muitas as dificuldades que cercam esse processo e a principal delas, o caráter ambivalente da identificação. As correntes afetivas contrárias de amor e ódio, coexistindo simultaneamente, são um complicador. A constituição do superego, portanto, sofre vários atravessamentos e somente no final do processo é possível perceber os efeitos disto. Um deles, como dissemos, diz respeito à época em que vivemos. Por isso, Zizek, um filósofo contemporâneo, profundo conhecedor da psicanálise, critica o fato de que, hoje, tudo seja vivenciado como opção. Não há referências, portanto. E a falta de referências estaria ligada diretamente ao declínio da imago social do pai.

É certo que a contemporaneidade, como vimos em Zizek, traz seus problemas. Numa sociedade demasiadamente permissiva, em que o pai autoritário cede lugar ao pai obscuro, fica complicado “ser pai”. Relacionado à Lei, o pai tem como desafio sustentá-la sem o autoritarismo de outrora, mas sem a permissividade dos tempos atuais. O caminho do meio, como apregoado pelo Zen Budismo, talvez seja o melhor caminho.

De qualquer forma, é importante perceber que, apesar do declínio do pai, a ordenação simbólica permanece, ou seja, não se instalou a anarquia. Isto equivale a dizer que, em sua vertente imaginária, o pai sofreu severas modificações, mas enquanto simbólico e relacionado à Lei, o pai permanece como ordenador. É certo que, se os três registros se amarram, o pai simbólico não fica impune. Mas ele não deixa de existir. O risco na contemporaneidade é de assistirmos cada vez mais a uma “terceirização da função paterna”, com a delegação ao Outro social de responsabilidades da esfera privada, como a transmissão da castração.

Relacionada ao superego e conseqüentemente à Lei, a instância paterna atravessa os tempos reafirmando sua potência, apesar das mudanças ocorridas. Não se trata de uma nostalgia do pai. Os tempos mudam, os sintomas mudam, mudam também os pais. Hans foi o caso clínico escolhido para ilustrar nosso percurso teórico. Na verdade, qualquer uma das “cinco psicanálises”, qualquer um dos casos clínicos publicados por Freud, poderiam demonstrar as vicissitudes da função paterna. Mas elegemos Hans por considerá-lo paradigmático da posição paterna na atualidade, estando a ambivalência representada na constituição da fobia do sujeito.

No caso do presidente Schreber, nos é relatada a presença de um pai autoritário, mas que não permite o acesso do filho à Lei simbólica. A presença do pai real, presença maciça neste caso, não garante, pelo contrário impede que o sujeito “faça sua neurose” em paz. Temos aí, portanto, deflagrada a psicose. Em *Fragmento da análise de um caso de histeria*, Freud

demonstra que na histeria não há desejo, senão o do pai. Já o *Homem dos ratos* está às voltas com o pai morto, tentando dar consistência a esse pai. O *Homem dos Lobos* elege um animal como substituto paterno, o lobo, caso trabalhado por Freud na vertente da neurose, mas que hoje é considerado uma psicose, daí o fracasso na sua condução.

Se elegemos Hans para discutir a função paterna na atualidade é porque, apesar de todos equívocos cometidos por seu pai, sabemos que o destino do “Pequeno Hans”, nome fictício de Herbert Graf, foi uma vida plena de sucesso.

Herbert Graf inventa a profissão de diretor de cena de ópera, trabalha nos grandes teatros, dirige inúmeras montagens, se realiza profissionalmente. Numa entrevista, Herbert não deixa de reafirmar a profunda admiração por seu pai (GRAF, 1999).

A saída da fobia do “Pequeno Hans” parece nos indicar que, como na mulher, o filho pode também ter um valor fálico para o homem. Hans demonstra isto de forma clara: sendo amovível, é possível que o falo se revista dos mais variados objetos, como pênis, dinheiro, fezes... filho. Neste sentido, é fundamental que o homem suporte o ódio que vem do filho, pois estes sentimentos ambivalentes são revividos por ele enquanto pai. Se a função paterna pode ser transmitida, é porque se estabelece uma relação dialética onde o pai faz o filho e o filho faz o pai. Para o filho, é importante não reconhecer o pai somente na vertente do imaginário, mas também na do simbólico e do real.

Se o falo circula, passa de pai para filho, é porque existe a marca da castração. Ou seja, só é possível ser pai depois que o homem constata a própria castração. Só assim é possível fazer de uma mulher objeto de desejo e não temer o filho. Afinal de contas, por que Laio temia tanto Édipo? A tentativa de eliminar o filho, antes de ser eliminado por ele, já não aponta para a dificuldade dessa relação?

Poderíamos ter aprofundado mais estas questões ao abordar a segunda clínica de Lacan, ou até mesmo nos servindo de outros autores, como, por exemplo, Piera Aulagnier, que trabalha as questões da paternidade. Mas, como todo trabalho de pesquisa é um recorte, optamos por selecionar alguns textos de Freud e priorizar a primeira clínica de Lacan. Aprofundar este debate, que não se esgota com esta pesquisa, se constitui como objetivo de investigações futuras.

Por enquanto, podemos ressaltar o seguinte: para que o filho possa desejar ser pai, é necessário perceber a castração em seu próprio progenitor. Suportar o ódio que vem do filho, reviver através dele sua própria angústia de castração, pode ser um processo difícil, mas que traz

como consequência um ganho sem precedentes. A paternidade permite ao sujeito viver, mesmo depois de sua morte real. Para além dos traços físicos, da carga genética, um filho carrega o pai dentro de si, na figura do supereu.

7 - REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. **Ética**: um ensaio sobre a consciência do mal. Tradução Antônio Trânsito e Ari Roitman. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

BARROS, Maria do Rosário do Rego. O pai real e a realidade do pai: seu efeito no sintoma. **Revista Latusa**, Rio de Janeiro, v. 2, 1998.

BARUS-MICHEL, Jacqueline. A democracia ou a sociedade sem pai. In: GARCIA DE ARAÚJO, J.N.; SOOKI, L.G.; PIMENTA DE FARIA, C.A. (Orgs.). **Figura paterna e ordem social**: tutela, autoridade e legitimidade nas sociedades contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BOLLE DE BAL, Marcel. Da revolta contra os pais à revolta dos pais. In: GARCIA DE ARAÚJO, J.N.; SOOKI, L.G.; PIMENTA DE FARIA, C.A. (Orgs.). **Figura paterna e ordem social**: tutela, autoridade e legitimidade nas sociedades contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CHEMAMA, Roland (Org.). **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CUNHA, Helenice Rêgo dos Santos. **Padrão PUC Minas de normalização**: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte: PUC Minas, 2006. Disponível em <www.pucminas.br>. Acesso em: 12 set. 2006.

DECOURT, Marcela Cruz de Castro. **Para além do pai está o homem**: a função paterna de Freud a Lacan. 2000. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DECOURT, Marcela Cruz de Castro. **Psicanálise e família**: a terceirização da função paterna na contemporaneidade. 2004. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Tradução Bastos, J. e Telles, A. 2. ed. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1993.

ENRIQUEZ, E. A arte de governar. In: GARCIA DE ARAÚJO, J.N.; SOOKI, L.G.; PIMENTA DE FARIA, C.A. (Orgs.). **Figura paterna e ordem social**: tutela, autoridade e legitimidade nas sociedades contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FELIX, Rosaura Oldani. **A morte como mestre**. 1998. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREUD, Sigmund. Carta 71 (15/10/1897). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.1: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.1.

FREUD, Sigmund. Carta 125 (09/12/1899). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.1: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.1

FREUD, Sigmund. Rascunho L (02/05/1897). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.1: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.1.

FREUD, Sigmund. Rascunho N (31/05/1897). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos.. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.1.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.4: A interpretação dos sonhos. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 4.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.7: Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990.v.7

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.9: Delírios e sonhos na “Gradiva”de Jensen. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990.v. 9

FREUD, Sigmund. Romances familiares (1909 [1908]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v. 9: Delírios e sonhos na “Gradiva”de Jensen. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 9

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.10: Duas histórias clínicas (o “pequeno Hans” e o “homem dos ratos”). 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 10.

FREUD, Sigmund. Um tipo de escolha de objeto feita pelo homem (1910). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v. 11: Cinco lições de psicanálise. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 11.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913 {1912-1913}). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.13: Totem e tabu e outros trabalhos. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 13.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917[1915]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v. 14: A história do movimento psicanalítico. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990.v. 14.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v. 18: Além do princípio do prazer. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 18.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil (1923). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.19: O ego e o id. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 19.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.19: O ego e o id. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 19.

FREUD, Sigmund. Algumas conseqüências da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.19: O ego e o id. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 19.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.19: O ego e o id.. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 19.

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade (1926[1925]).). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.20: Um estudo autobiográfico. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 20.

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.21: O futuro de uma ilusão. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 21.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXI: a dissecação da personalidade psíquica (1933[1932]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.22: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 22.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXIII: feminilidade (1933[1932]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v. 22: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990v. 22.

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo: três ensaios (1939 [1934-38]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: v.23: Moisés e o monoteísmo. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 23.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (1914-1917). In: GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002 (v.3).

GOMES, Romina Moreira de Magalhães. **O amor que encobre a falha paterna: dos impasses na teoria freudiana do pai.** 2002. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GRAF, Herbert. Memórias de um homem invisível: Herbert Graf lembra meio século de teatro: um diálogo com Francis Rizzo. **Escola Letra Freudiana, Hans e a Fobia**, Rio de Janeiro, Ano 18, n. 24, p.19-25, 1999.

HANNS, Luiz. **Dicionário comentado do alemão de Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOSSEINI, Khaled. **O caçador de pipas.** Tradução Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

JULIEN, Philippe. **Abandonarás teu pai e tua mãe.** Tradução Procópio Abreu. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2004.

JULIEN, Philippe. **O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise.** Tradução Dra. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

JULIEN, Philippe. **O manto de Noé: ensaio sobre a paternidade.** Tradução Francisco de Farias. 1. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

KNIBIEHLER, Yvonne. **Lês pères aussi ont une histoire.** Paris: Hachette, 1987.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo** (1938). Tradução Marco Antônio C. Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. As formações do inconsciente (1957-1958). In: LACAN, Jacques. **O seminário.** Tradução Dra. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. (Livro 5).

LACAN, Jacques. **El mito individual del neurótico.** (1953). Versión completa de la Escuela Freudiana de Buenos Aires - Le mythe individuel du néurosé ou "poésie et vérité" dans le néurosé. Centre de la documentation universitaire. Paris, 1953. Mimeografiado. Barcelona: Fólio, 2000. CD ROM.

LACAN, Jacques. **A relação de objeto** (1956-1957). In: LACAN, Jacques. **O seminário.** Tradução Dra. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995 (Livro 4).

MARCOS, Cristina M. As versões freudianas do pai. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.10, n.14, p.25-34, dez. 2003.

MILLER, Jacques-Alain. **Leitura crítica dos complexos familiares de Jacques Lacan.** Disponível em <www.opcaolacanianana.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2006.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. **Édipo em Freud: o movimento da teoria**. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em: 22 set. 2005.

PORGE, Erik. **Os nomes do pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1998.

REGNAULT, François. Versões da lei. **Revista Curinga da Escola Brasileira de Psicanálise**, Minas Gerais, v. 18, 2002.

RIBEIRO, Paula Mancini C. Mello. **Um real em jogo: a função do pai e o sujeito na clínica**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana**. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ZIZEK, Slavoj. O superego pós-moderno. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 maio 1999. Caderno Mais!